

MAGDA RENATA MARQUES DINIZ
THAYANNY KELINNY VASCONCELOS DE LIMA
(ORGANIZADORAS)

(eu) conto em livro



MAGDA RENATA MARQUES DINIZ
THAYANNY KELINNY VASCONCELOS DE LIMA
(ORGANIZADORAS)

*(eu) conto
em livro*



editora**ifrn**

Natal, 2018

Presidente da República
Michel Temer

Ministro da Educação
Rossieli Soares da Silva

Secretário de Educação Profissional e Tecnológica
Romero Portella Raposo Filho



INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Norte

Reitor
Wyllys Abel Farkatt Tabosa
Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação
Márcio Adriano de Azevedo
Coordenadora da Editora IFRN
Darlyne Fontes Virginio

Conselho Editorial

Albino Oliveira Nunes
Alexandre da Costa Pereira
Anderson Luiz Pinheiro de Oliveira
Anisia Karla de Lima Galvão
Auridan Dantas de Araújo
Carla Katarina de Monteiro Marques
Cláudia Battestin
Darlyne Fontes Virginio
Emiliana Souza Soares Fernandes
Fabrícia Abrantes Figueredo da Rocha
Francinaide de Lima Silva Nascimento
Francisco das Chagas Silva Souza
Fábio Alexandre Araújo dos Santos
Genoveva Vargas Solar
Jeronimo Mailson Cipriano Carlos Leite
Jose Geraldo Bezerra Galvão Junior

José Augusto Pacheco
José Everaldo Pereira
Jozilene de Souza
Jussara Benvindo Neri
Lenina Lopes Soares Silva
Luciana Maria Araújo Rabelo
Maria da Conceição de Almeida
Márcio Adriano de Azevedo
Nadir Arruda Skeete
Paulo de Macedo Caldas Neto
Regia Lúcia Lopes
Rejane Bezerra Barros
Rodrigo Siqueira Martins
Sílvia Regina Pereira de Mendonça
Valcinete Pepino de Macedo
Wyllys Abel Farkatt Tabosa

Projeto Gráfico, Diagramação e Capa

Bruno Andrade Pinto

Coordenação de Design

Charles Bamam Medeiros de Souza

Revisão Linguística

Rodrigo Luiz Silva Pessoa

Ilustração da capa: Bruno Andrade Pinto
Créditos dos desenhos de Meiri Amalia Rodrigues
e Milenna Nunes Marinho.

Edição eletrônica: E-book
Prefixo editorial: 94137
Linha Editorial: Acadêmica
Disponível para *download* em:
<http://memoria.ifrn.edu.br>



Contato

Endereço: Rua Dr. Nilo Bezerra Ramalho, 1692, Tirol.
CEP: 59015-300, Natal-RN.

Fone: (84) 4005-0763 | E-mail: editora@ifrn.edu.br



Os textos assinados, no que diz respeito tanto à linguagem quanto ao conteúdo, não refletem necessariamente a opinião do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte.

As opiniões são de responsabilidade exclusiva dos respectivos autores.

É permitida a reprodução total ou parcial desde que citada a fonte.

E86 (Eu) conto em livro / organizador Magda Renata Marques Diniz, Thayanny Kelinny Casconcelos de Lima; projeto gráfico, diagramação e capa Bruno Andrade Pinto; coordenação de design Charles Bamam; crédito dos desenhos dos contos Meiri Amalia Rodrigues, Milenna Nunes Marinho; revisão linguística Rodrigo Luiz Silva Pessoa. – Natal: IFRN, 2018.
105 p : il.

ISBN: 978-85-94137-31-9

1. Literatura brasileira. 2. Literatura brasileira – Contos. 3. Literatura infantojuvenil – Contos. I. Diniz, Magda Renata Marques(Org.). II. Marinho, Milenna Nunes(Org.). III. Título.

CDU 82(81)34

Catálogo da publicação na fonte elaborada pela Bibliotecária
Patrícia da Silva Souza Martins – CRB: 15/502

Esta obra foi submetida e selecionada por meio de edital específico para publicação pela Editora IFRN, tendo sido analisada por pares no processo de editoração científica.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à organizadora e nossa professora, Magda Renata, por ter nos dado a oportunidade para a construção do livro e para a exposição de nossa criatividade.

De igual apreço, agradecemos a outra organizadora e professora, Thayanny Vasconcelos, por ter nos ajudado a continuar com este projeto e nos orientado durante a edição deste livro.

Ao IFRN – Campus Canguaretama, pelo trabalho em equipe, especialmente, a Nívia Lopes e a Gracielle Moura, dos setores de Psicologia e da ETEP, pelas ações desenvolvidas em benefício de toda a comunidade acadêmica desta escola.

APRESENTAÇÃO

(EU) CONTO EM LIVRO é uma coletânea de textos produzidos pelos alunos do 2º ano, em 2017, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – *Campus Canguaretama*, que decidiram escrever, em formato de contos, algumas histórias inspiradas, especialmente, em suas leituras literárias e em suas vivências na comunidade.

O enredo proposto neste livro faz com que seus autores “intrometam-se em textos consagrados”. Afinal, quem nunca, em um conto ou um romance lido, ficou inconformado com o desfecho apresentado pelo autor da obra? Muitos leitores não admitem encontrar – na tão saborosa leitura – um final não tão prazeroso assim, mas poucos têm o destemor ou a oportunidade de recriar esses finais.

Vale ressaltar o diálogo deste “projeto de escrita” com os trabalhos desenvolvidos pelos setores de Psicologia e da ETEP no Campus Canguaretama, em que as ações envolvendo a saúde mental acontecem, continuamente, mas nem sempre são nomeadas dessa forma: quando se trabalha a relação interpessoal, com foco na interação mais saudável; quando se conversa com os servidores sobre alunos em situação de vulnerabilidade social ou psíquica; quando se acompanha o rendimento escolar e se faz encaminhamento junto aos estudantes e à família; quando se realiza orientação, em grupo

ou individualmente, com a elaboração de rotinas de estudo; quando se realiza atendimento inerente a conflitos familiares e/ou amorosos, a questões relacionadas à identidade na adolescência e diversos outros temas. Inclusive, os considerados mais ligados à saúde mental, como abuso, violência doméstica, luto, depressão, ansiedade, automutilação e suicídio.

Mais precisamente, no mês de julho de 2018, a temática saúde mental foi discutida, coletivamente, através de intervenções, no intervalo das aulas, com a leitura de bilhetes escritos pelos alunos. Na oportunidade, foram esclarecidas algumas dúvidas sobre o assunto. No mês de setembro, anualmente, é realizada uma campanha para incitar discussões acerca da temática do suicídio. Busca-se atuar no coletivo, de forma a fortalecer os laços, o respeito e a empatia pelo outro, sensibilizando a comunidade escolar para a ideia de que somos responsáveis pela saúde mental uns dos outros.

Ainda no ano de 2018, por exemplo, foi confeccionada uma árvore amarela com folhas que continham mensagens e os alunos podiam direcionar o conteúdo do que foi escrito a alguém que eles consideravam importante. Além disso, nos três intervalos de aulas, foi escolhido um dia para que todos os envolvidos se reunissem em torno da árvore para gerar um momento de sensibilização em relação à temática.

Os autores desse livro, referenciados por vários textos literários e conhecimentos de mundo, remetem às possibilidades ficcionais que indicam um caminho possível de interpretação, mas não um único e restrito. Especialmente,

deixam transparecer, por meio dessa prática social, que escrever junto é muito prazeroso; que ler junto é desfrutar da companhia dos amigos; que conversar sobre essas leituras é importantíssimo para o processo de aprendizagem. Indo mais além, o que se encontra na arte literária ainda é, muitas e muitas vezes, inferior às barreiras, às injustiças, às desordens encontradas na vida real.

Precisamos ressaltar que a leitura dos contos em sala, nas aulas de Língua Portuguesa e Literaturas, recupera a contação de histórias, que “em tempos pós-modernos o escutar vem sendo trocado por outros canais de comunicação e permitindo até o desaparecimento desta interação: de pessoas contarem histórias, sejam causos, sejam contos, sejam fábulas” (DINIZ¹, 2013, p. 15).

Ainda, por se tratar de uma produção literária, os contos se caracterizam por apresentar uma flexibilidade a ponto de criar uma interlocução com a poesia e a crônica, uma vez que precisam ser lidos ou interpretados a partir de um contexto criativo.

A partir deste momento, trazemos a público, assim, os autores juvenis dispostos a acrescentar à literatura contemporânea brasileira e potiguar, de forma intertextual,

1 DINIZ, M. R. M. **(Santa) Rita de Cássia na boca do povo de Santa Cruz/RN: identidades culturais em construção.** 2013. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/19466>. Acesso em: 23 jun. 2018.

suas participações não apenas como leitores mas também como escritores que decidiram compartilhar suas produções literárias de sala de aula, fazendo com que o processo de leitura e escrita ganhe um significado, de fato, social, como deve ser. Afinal, é com um grupo de alunos ativos e respondentes aos enunciados alheios que todo professor de leitura realmente busca encontrar, não é mesmo?

Magda e Thayanny

Tanta Coisa Junta

(sumário)

O FINAL AINDA NÃO CHEGOU?

- 12 VENHA VER O PÔR DO SOL - PARTE 2
- 15 AS TRÊS CHAPEUZINHOS

UM POUCO DE PRÍNCIPES E CASTELOS

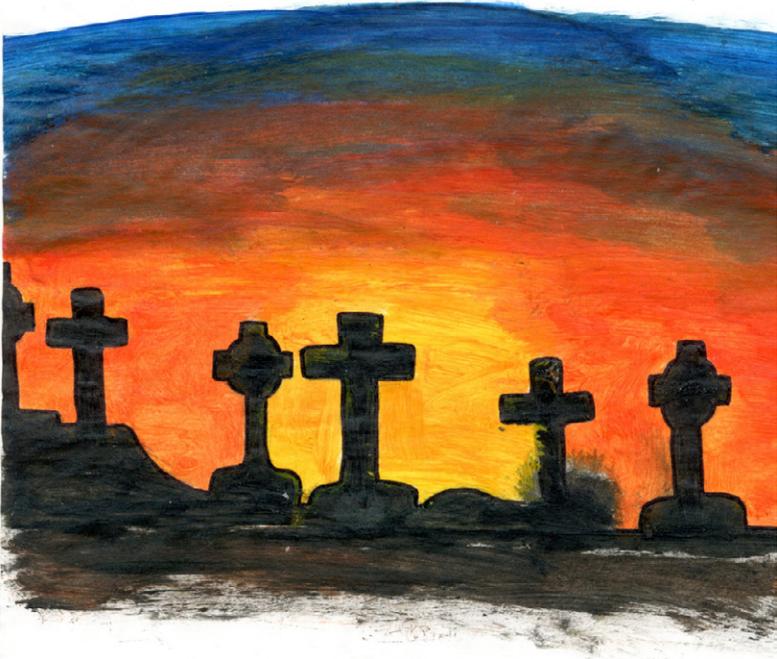
- 20 AS IRMÃS TORIDOUS
- 45 UMA FLOR E UM ESPÍRITO
- 55 DEU A LOUCA NO REINO?
- 61 O MENINO QUE SALVOU O MUNDO DESCONHECIDO

DE NOVO, BEM-VINDOS À MODERNIDADE

- 67 BAUNILHA E CANELA
 - 80 CLARICE POR UMA NOITE
 - 85 12 DE DEZEMBRO
 - 94 A APOSTA DO CORAÇÃO
-
- 101 **AS ORGANIZADORAS**

 - 103 **OS AUTORES**

O FINAL AINDA NÃO CHEGOU?



“Este capítulo traz a possibilidade de um novo final para textos consagrados... Reimaginando a escrita desses autores como se fosse a primeira vez, seja para agradar o próprio autor ou para agradar o leitor, dá-se um novo destino para as personagens”.

Venha ver o Pôr do Sol *parte 2*

É uma possibilidade de continuação do conto *Venha ver o pôr do sol*, de Lygia Fagundes Telles¹. Nessa nova história, mas tão antiga quanto a problemática vivenciada em nossa sociedade: um “ex” inconformado com o fim de seu relacionamento. Convidamos a ler o texto original *Venha ver o pôr do sol* e, em seguida, a ler *Venha ver o pôr do sol – parte II*.

1 TELLES, Lygia Fagundes. **Venha ver o pôr do sol e outros contos**. São Paulo: Editora Ática, 1998. p. 26-34.

VENHA VER O PÔR DO SOL – PARTE 2

Ageilson de Holanda Silva

Um homem chegou em sua casa com seus sapatos sujos de terra. Não expressava nenhum sentimento ou comoção, estava pálido e cansado, apenas caminhou até o banheiro para tomar banho. Já vestido, deitou-se em sua cama, dizendo para si mesmo que Raquel, sua amada, precisaria ficar com ele. Senão, não ficaria com ninguém mais.

Já era noite. Ricardo continuava a pensar na moça, não sabia se o que fizera havia sido, de fato, o certo. Várias perguntas ainda insistiam em rondar sua cabeça e, para todo lugar que olhava, via a imagem de Raquel. Por alguns minutos, acreditou estar louco e perturbado. Depois de uma noite de tormento, Ricardo decide ir ver sua amada.

Marcos, atual namorado de Raquel, não sabia onde ela estava e a procurou por todos os lugares possíveis. Quando olhou em seu guarda-roupa, só achou o celular dela, então resolveu destravá-lo e procurar alguma pista de onde achá-la.

Assim, ele encontra a conversa de Raquel com o ex-namorado, Ricardo. Ele lê tudo e descobre que eles tinham planejado se ver. Enfurecido, resolve ir até o lugar que eles haviam marcado o encontro: o cemitério da cidade.

Por outro lado, Ricardo, a caminho do cemitério, vê-se em grande constrangimento ao se dar conta de sua atitude desesperada e desumana. Parou e pensou algumas vezes antes de prosseguir. Ele sabia que ela nunca iria perdôá-lo, então tomou a decisão de libertá-la e viajar pelo mundo, na esperança de encontrar alguém que o faria tão feliz quanto

Raquel havia feito. Assim, ele seguiu em direção ao túmulo onde a tinha deixado.

Ele chamou por Raquel; a moça, já sem forças e cansada por ter sido mantida amarrada, tenta chegar até as grades do local. Seus olhos se enchem de lágrimas. Ricardo pede desculpas e diz que era o único modo de não a ver partir. Raquel exige que a tire dali.

O homem pede calma, já que queria negociar com a jovem; ela, por outro lado, estava bastante irritada. Ricardo propõe um acordo à mulher: só a libertaria se ela passasse a noite com ele. Raquel, já impaciente, aceita a proposta.

Ele abre as grades do túmulo e a abraça forte dizendo que só havia feito aquilo porque a amava e não tinha esquecido os momentos que passaram juntos. Raquel apenas ficou em silêncio. Estava muito debilitada.

Enquanto caminhavam em direção à saída, um lindo pôr do sol já se formava, dando ao local um ar menos sombrio. Marcos surge, de imediato, assustando os dois, que não sabem o que fazer nem dizer.

Nesse momento, Raquel alegra-se por seu namorado ter aparecido. No entanto, ele parecia bastante irritado e acusava a garota de traição. Ela, desesperada, tenta se explicar, porém Marcos não a deixa falar.

Ele puxa uma arma de sua cintura e atira em Ricardo e Raquel, matando-se logo em seguida. Enquanto isso, ao longe, crianças inocentes brincavam de roda.

As Três Chapeuzinhos

Traz não apenas uma, mas duas histórias que se misturam e se recriam. Esse conto, como o próprio nome já nos indica, faz uma junção dos originais *Os três Porquinhos*² e *Chapeuzinho vermelho*³. Não é de hoje que leitores recriam essas e outras fábulas. Ler essas versões é bom, mas poder escrever uma nova versão é melhor ainda. “E se...” é indagação base de toda essa desconstrução dos textos originais produzidos pelos alunos: e se o caçador tivesse chegado antes à casa da vovó? E se uma das Chapeuzinhos não tivesse conseguido falar com sua mãe? E se a Chapeuzinho mais velha não tivesse tido a ideia dos caminhos?

2 BORGES, M.L.X.A; MACHADO, A.M. **Contos de fadas:** Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010. p. 144-146.

3 BORGES, M.L.X.A; MACHADO, A.M. **Contos de fadas:** Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010. p. 43-45.

AS TRÊS CHAPEUZINHOS

Antônio Cirilo da Silva Neto

Avylla Alobendny Barreto de Souza

Greyce Kelly Nascimento da Costa

Mirlayne Lopes da Costa

Raissa Monteiro da Silva

Em uma pequena vila, viviam três irmãs, as quais sempre andavam com chapuzes que sua avó havia lhes dado. Assim, elas ficaram conhecidas como “As Três Chapeuzinhos”.

Certo dia, ao saber que a avó das meninas ficou doente, a mãe pediu-lhes que levassem alguns doces para a ela, pois sabia que, dessa forma, iria melhorar. Antes da partida, a mãe das garotas recomendou que fossem pela cidade, pois se tratava de um caminho menos perigoso.

Próximo à área urbana, a irmã mais velha sugeriu que elas seguissem por outro caminho, um mais curto. A mais nova, como não gostava de desobedecer a mãe, reprovou a sugestão. Já a do meio, deu uma nova ideia: sugerindo que cada uma fosse por um caminho diferente, para ver quem conseguia chegar primeiro.

Acatada a sugestão, a mais velha foi pelo bosque; a do meio, atravessando o rio; e a mais nova das irmãs, pela área urbana. Esta última, não desobedecendo sua mãe, ao se aproximar da entrada da cidade, ouviu boatos a respeito de um lobo faminto que morava no bosque. Por isso, começou a ficar preocupada com sua irmã mais velha, decidindo voltar para casa e contar todo o ocorrido para a mãe.

Enquanto isso, no bosque, a irmã mais velha se depara com o lobo. Este, por ser bastante estrategista, busca ser o

mais gentil do mundo. Na conversa, o animal a estimulou para que falasse... mas ela, inocentemente, não percebeu a trama. Curioso, o lobo perguntou à menina onde sua avó morava. Ela logo respondeu que era na última casa depois do rio.

Depois disso, eles se despediram, e toda a cena já fora desenhada na mente perversa do lobo. Ele, bem mais veloz, correu para a casa da avó das Chapeuzinhos. Porém, ao passar perto do rio, ouviu uma voz suave cantarolando enquanto se banhava. Era a outra Chapeuzinho.

Observou de longe e deduziu que logo mais se encontraria com as duas netinhas. O lobo quis mudar os planos, mas resolveu permanecer na primeira hipótese, pois não sabia nadar direito. Algo poderia sair de seu controle. Como perdera tempo, correu como nunca até chegar a seu destino.

Bateu à porta, disfarçou a voz para a inocente avozinha...

Por estar muito doente, sem ter a chance de perceber algo diferente, acabou caindo na farsa do lobo, que, após entrar na casa, devorou-a. Em seguida, vestiu-se com as roupas da pobre velhinha e se deitou na cama para esperar alguma Chapeuzinho.

Enquanto isso, a irmã mais nova, ao chegar à sua casa, contou o que havia acontecido para sua mãe. Depois de escutá-la, foi com a menina atrás de um caçador para dar suporte nas buscas.

Em poucos instantes, a Chapeuzinho mais velha chegou à casa de sua avozinha e chamou por ela. O lobo, disfarçando sua voz novamente, autorizou a entrada da menina. Ao chegar bem perto de sua avó, a garota percebeu que havia algo estranho, questionando a senhora o porquê de estar tão diferente.

O animal, ainda fingindo, respondeu que ela não deveria se preocupar, pois estava tudo bem. Ele mandou que chegasse ainda mais perto, para “vê-la melhor”.

Acreditando no lobo, a mais velha das irmãs obedeceu, mas foi atacada e devorada por ele, que logo se recompôs para esperar a próxima Chapeuzinho. O que não demorou a acontecer.

A irmã do meio bateu à porta, chamando por sua querida avó. O lobo, novamente disfarçando a voz, disse para a menina entrar e ir a seu encontro. Ao ver sua “avó”, ela começou a lhe fazer várias perguntas: “por que seus olhos e suas orelhas estão tão grandes?”.

O animal foi inventando várias “desculpas” para aquelas questões. Isso não era problema para ele, pois tinha a frieza necessária. Não perdeu tempo. Revelou-se e tentou devorá-la também. De súbito, o caçador entrou na casa e acertou um tiro no lobo. Seu corpo caiu sobre a menina. A mãe e o caçador ainda viram a cena mais que cruel.

Depois disso, a irmã do meio, a única sobrevivente, abraçou sua mãe e pensou que todo seu esforço foi insuficiente. Suas irmãs, em formato de anjo, não pensavam assim.

UM POUCO DE PRÍNCIPES E CASTELOS



“Este capítulo traz a temática do mundo encantado dos contos de fadas, da magia e das maldições, transpondo todo esse universo imaginário para as produções literárias. Entretanto, um mundo imaginário cujos padrões não se ‘encaixam’, não se ‘conformam’, ‘digladiam’ intensamente com nosso mundo real”.

As Irmãs Tonidous

É um intertexto inspirado nas revelações inimagináveis de algumas tragédias gregas, que já conhecemos, tais como *Édipo Rei*¹, de Sófocles, obra inquestionável tanto para a literatura universal quanto para a psicologia. Embora seja um conto inédito, os assuntos tratados não se distanciam das temáticas tratadas no livro original, há muitos séculos. Sem dúvida, os autores desse texto “intrometem-se em textos consagrados” e respondem a alguns questionamentos sociais.

1 SÓFOCLES. **Édipo Rei**. São Paulo: Martin Claret, 2017. p. 45-160.

AS IRMÃS TORIDOUS

José Davi Viana Francelino

Larissa Andressa Pereira Silva

Natália Cristina Tertuliano Melo

Vivianny Caroline Félix Bezerra

Lena e Diana Toridouss foram criadas, desde pequenas, por Creonte, o rei de Teros. Elas sempre receberam muito amor e carinho, afinal, eram as princesas do reino.

Diana sempre foi conhecida por sua calma, gentileza e sensibilidade enquanto a força, a determinação e a teimosia de Lena eram notáveis. Dessa forma, elas completavam uma a outra, fortalecendo ainda mais o laço entre as duas.

Certo dia, Lena estava indo encontrar Diana para cavalgar. Ao chegar no estábulo, Lena parou e observou Diana acariciar seu lindo cavalo, com pelos tão claros e belos quanto seu cabelo. Observou a delicadeza de seu rosto e a suavidade de sua expressão, desejando que aquele momento nunca acabasse.

— Lena! Finalmente chegaste!

— Ah! — Com as palavras de Diana, Lena desperta... — S-sim. Como está Piter?

— Ele está muito bem! — Diana sorri. — E quanto a Eclipse?

— Vou pegá-lo num instante.

Após montarem em seus cavalos, elas saem para cavalgar pelo reino. O sol começava a se pôr no horizonte.

— Que tal uma corrida? — Diana pergunta.

— Só se for agora. — Lena sorri com um olhar provocante e sai em disparada montada em Eclipse.

Enquanto cavalgava o mais rápido que podia, Lena escuta um relinchar de cavalo acompanhado por um grito. Rapidamente, ela olha para trás e vê sua querida irmã caída sobre a grama. Imediatamente, ela puxa o arreio do cavalo e vai até lá.

— Diana! O que aconteceu?! — Grita Lena com um tom de preocupação.

— Meu cavalo tropeçou. — Respondeu Lena enquanto se levantava devagar e limpava seu vestido.

Assim que ficou de pé, Diana deu um leve gemido de dor.

— Estás bem?

— Estou sim, foi só uma dor na perna. — Ela sorri.

Diana tenta andar até Piter, mas se desequilibra. Antes que pudesse cair, Lena a segura em seus braços. Seus olhos se encontraram. Seus rostos ficaram próximos. O vento batia em seus cabelos. Seus olhares ficaram mais profundos. De repente, pensamentos: “Isso não está certo. Eu não devia estar sentindo isso”.

— Tu não disseste que estava bem? — Lena disse enquanto se afastava de sua irmã.

— Talvez só um pouquinho mal. Nada demais. — Diana sorriu novamente.

— Depois de tantas aulas de equitação, ainda não aprendeste a desviar de obstáculos? — Em seguida, deu uma risadinha.

— Quem é que ganhou o Torneio Real mesmo? — Dizia Diana enquanto olhava para sua irmã de forma provocante.

— Tu... Mas só porque EUZINHA não estava lá! — Lena comentou com ar de superioridade.

— Não tenho culpa se treinaste muito com o Eclipse e ele ficou cansado demais para correr.

Naquele momento, um homem careca, com uma barba branca e rala se aproximou do local em que elas estavam, desceu de seu cavalo e se curvou perante as princesas.

— Vossas Altezas. A Oráculo me pediu para chamar a princesa desse reino. As senhoritas poderiam me dizer qual das duas é a princesa?

As irmãs se olham e Lena decidiu se pronunciar.

— Nós duas somos, senhor.

O homem, um pouco confuso, pensou durante um tempo e falou:

— Bem, ela só me disse para chamar a princesa do reino.

— Ela poderia estar se referindo a nós duas — Diana disse.

— É uma possibilidade.

— Então, vamos! — Disse Lena enquanto montava em Eclipse.

Os três cavalgaram até um simpático palacete de cor dourada, desceram de seus cavalos e seguiram até a entrada. O homem empurrou a grande e pesada porta e logo viram um grandioso altar rodeado por tochas no fundo do salão, onde uma mulher careca e com majestosas vestes cinzas estava sentada no centro.

— Podem seguir em frente, eu ficarei aqui. — Disse o homem.

As irmãs continuaram andando. Quando chegaram próximo ao altar, a Oráculo abriu os olhos.

— Acomode-se, Dian... — A Oráculo, que emanou uma suave voz pelo local, olhou fixamente para Lena e se virou para seu ajudante na entrada. — Gael, eu não te pedi para me trazer somente a princesa do reino de Teros?

— Sim, mas aquele reino tem mais de uma princesa.

— Errado, ele só tem uma princesa. Ao menos, só uma verdadeira.

— O que queres dizer com isso?! — Lena falou alto e firme.

— Gael, tu poderias escotar a senhorita Lena para fora? Ainda não é a hora dela.

— Não! — Ela gritou novamente. — Eu preciso saber o porquê de falares isso. — Sua voz saiu mais baixa que o habitual.

— Tu saberás, mas não é por mim.

— Por quem, então?

— Quem saberia se és ou não uma princesa de verdade?

Lena parou um pouco e finalmente colocou seus pensamentos em ordem.

— Eu preciso ir! — Exclamou com firmeza e se voltou para a saída.

— Lena! Espere! — Gritou Diana. — Aonde estás indo?

— Para o castelo, Diana. Preciso ter uma conversa com nosso pai.

— Eu irei contigo.

— Não, tu precisas conversar com ela. — Lena se virou para a Oráculo.

A jovem foi até a porta e saiu em direção ao castelo. Diana se virou para a mulher de cinza.

— Pois bem, o que desejas falar comigo?

— Trata-se de sentimentos, Diana, uma omissão de sentimentos. Sentimentos tidos como errados, proibidos; sentimentos que estão interferindo em caminhos que devem ser vividos.

Diana olhou para a senhorita em sua frente, tentando entender o que acabara de dizer.

— Eu não sei do que estás falando, Oráculo... — Ela disse com uma expressão clara de quem não tinha entendido nada.

— É simples, princesa. Tu sentes algo por alguém e achas que não deveria, que é errado.

— O-o quê? Eu não sinto nada por ninguém... Não... Eu vou sentir apenas quando me casar com o príncipe ao qual sou destinada.

— Talvez esse seja o pensamento de seu pai, mas tu sabes que não é isso que sentes.

— Eu sei que é isso que deveria sentir... E já é o suficiente.

— Só tu podes dizer o que deves ou não sentir.

— Eu queria que fosse assim, Oráculo... mas sabemos que não é.

Assim que terminou de falar, Diana saiu do palacete. A Oráculo parecia ter mais a dizer, mas não quis insistir.

Enquanto isso, Lena chegava ao castelo e se dirigia diretamente à sala do trono.

— Pai! — Gritou ao entrar.

— O que foi, minha filha? Algo te incomoda? — Creonte perguntou com um tom de preocupação.

— Sim. Eu preciso que tu me respondas uma coisa... — Ela respirou fundo. — Eu sou sua filha de verdade?

— O quê?! É claro que é. Por que me pergunta isso?

— Por causa da Oráculo, pai. Ela me disse... ela me disse que só a minha irmã é uma princesa de verdade. O que mais isso poderia significar?

— Lena... — Creonte abaixou a cabeça. — Eu não queria que tu soubeste desta infeliz história, mas vejo que não há outra maneira de sanar essa dúvida. — Ele respirou fundo e ergueu a cabeça. — Pois bem, eu não sou teu pai de verdade. Esse título vai para o antigo rei de Teros, Darius.

— Darius? Tu queres dizer que sou filha daquele “Rei Louco”? Aquele que foi expulso de nosso reino?

— Ele mesmo. Mas nem sempre ele foi chamado assim. Ele e Fiora costumavam ser amados por todos. Diziam que eram os melhores governantes que já reinaram em Teros, mas tudo mudou um pouco antes de teu nascimento. Tu serias a primeira filha deles e eles não podiam estar mais felizes. Por todos os cantos de Teros se falava da rainha que estava grávida. Até aquele dia...

— *Creonte! O rei ordena sua presença o mais urgente possível.* — *Disse um guarda que entrou apressado em meu quarto.*

— *O que aconteceu, soldado?* — *Eu perguntei, preocupado.*

— *Eu não tenho muitas informações. Só sei que está um tumulto nos aposentos de Sua Majestade.*

Após a ordem, fui imediatamente até o local. Ao chegar lá, me deparei com um homem amarrado numa cadeira enquanto o rei o questionava.

— Eu só vou perguntar mais uma vez. Quem te pagou para fazer isso?! — Gritou o rei.

— Eu já te disse... ninguém me pagou, eu fiz isso por conta própria. — Disse o homem, soando um pouco assustado.

— Eu sei que isso não é verdade! Por que um plebeu como tu atacarias a rainha grávida? Eu sei que foi alguém poderoso.

— Eu tenho meus motivos...

— Isso é uma perda de tempo! Guardas, levem-no à força.

— Como desejar, Majestade.

Darius se virou e finalmente percebeu minha presença.

— Creonte, até que enfim chegaste.

— Já estou aqui há um tempo, Majestade.

— Então, tu já deves ter entendido o porquê de estares aqui.

— De certo que sim.

— Esse homem se infiltrou no castelo e tentou assassinar Fiora. Na verdade, acho que o alvo dele era meu descendente.

— Mas como ele se infiltrou no castelo?

— Ainda estamos investigando, mas é justamente por isso que não acredito nas falas dele. Não tem como ter invadido o castelo sem algum ajudante.

— Sim, estás certo. O que quer que eu faça?

— Eu quero que faças a cerimônia de força por mim. Diga que meu bebê morreu.

— O quê?! O bebê morreu?

— Não! Mas precisamos fazer a pessoa que mandou matá-lo pensar isso.

— Entendi.

No final da tarde, quando todos os cidadãos estavam reunidos na praça central, comecei a fazer o anúncio, como foi ordenado pelo rei.

— Cidadãos de Teros, estou aqui para expressar o mais profundo luto da família real. O rei pediu para comunicá-los que seu herdeiro foi assassinado ainda na barriga da rainha. — Os plebeus começaram a cochichar, especulando o que poderia ter acontecido. — Todos devem estar se perguntando quem teria cometido uma atrocidade dessas. Eu vos digo que foi aquele homem. — Eu aponte para os guardas que traziam o condenado. Naquele momento, a plateia começou a gritar.

— Assassino!

— Enforcem-no!

— Tu mereces morrer!

— Traidor!

Os guardas levaram o condenado até a forca.

— Últimas palavras? — Falei.

— Pela minha família.

Eu me aproximei da alavanca e um guarda me parou.

— Tu não precisas fazer isso.

— O homem que dá a sentença deve executá-lo.

Eu puxei a alavanca e vi o homem suspirar pela a última vez. Imediatamente, saí do local e fui até o castelo, logo me dirigindo aos aposentos do rei.

— Está feito. — O rei, agachado ao lado da cama onde sua esposa repousava, levantou e se aproximou.

— Muito bem. Só preciso de mais uma coisa: sigilo total. Ninguém deve saber que minha esposa e meu rebento estão bem.

— Perfeito, Majestade.

Depois disso, eu fui até meu quarto e encontrei minha mulher chorando:

— Kiara, por que choras?

— Ah, Creonte, não foi nada... — Ela começou a enxugar as lágrimas.

— Não estarias chorando por nada.

— Creonte... Eu não imaginei que ficaria assim, mas mataram um bebê, que não havia nem nascido ainda. Imagina se fosse o nosso. — Ela passou a mão em sua barriga.

Eu só consegui abraçá-la. Não poderia contar algo que o rei pediu sigilo.

Com o passar das semanas, o rei começou a ficar paranoico. Para poder entrar no castelo, as pessoas tinham que ser totalmente revistadas. Alguns acabaram mortos apenas

por estar carregando um objeto afiado, o que já era suficiente para serem acusados de traição.

Já eu e a minha esposa estávamos felizes como nunca. Nossa filha nasceu, alegrando nossos dias e finalmente acabando com a tristeza de Kiara. Entretanto, o rei não parecia feliz. Ele nunca quis vê-la, como também não suportava quando eu falava o nome dela.

Mais algumas semanas se passaram. E, em uma certa noite, um guarda apareceu na porta de meus aposentos.

— Senhor Creonte! O rei está solicitando urgentemente sua presença!

Assenti para dispensá-lo. Vesti-me e fui a passos largos até o aposento do rei. Bati à porta e entrei ao ouvir seu “entre”.

— Senhor, o qu... — Paro minha fala ao me deparar com uma criança nos braços de Darius.

— É uma menina, Creonte! É minha Filha! — Ele gritou, exalando sua alegria.

A rainha estava do lado de seu esposo, com um grande sorriso no rosto. Creonte logo os parabenizou.

— Darius, eu finalmente poderei sair desse quarto! — Exclamou Fiora, sorrindo.

— Não, ainda não é seguro! Ainda não pegamos o responsável pelo atentado.

— Já poderias ter feito isso, mas resolvestes matar o homem em vez de torturá-lo.

— O que querias que eu fizesse?! Ele tinha acabado de tentar matá-la! Matar nossa filha!

— Eu sei, Darius... só não aguento mais ficar nesse quarto...

— Eu entendo, Fiora. Eu vou pegar o responsável em breve. Eu prometo.

Eu voltei para meu quarto. Chegando lá, encontro minha esposa acordada e com um olhar de preocupação.

— Onde estavas, Creonte?

— Boa noite, minha amada! — Dei um beijo na testa de nossa filha, que dormia em nossa cama. — O rei precisava de mim.

— O que ele queria? Encontrou mais algum “suspeito”? — Seu tom de voz era sarcástico.

— Não. Era um assunto sigiloso.

— Sigiloso até para sua amada esposa? — Ela levantou e se aproximou de mim, pondo seus braços em volta de meu pescoço. Concentrei meus olhos nos dela. Respirei fundo. Senti seus dedos acariciarem minha nuca.

— Kiara...

Ela passou seus dedos por meu cabelo.

— Tu sabes que eu não falaria a ninguém, podes confiar em mim.

— A filha do rei está viva. — Ela se cala por alguns segundos e fica com os olhos arregalados.

— O quê?!

— A filha deles nunca esteve morta. O rei só disse isso para evitar que tentassem matá-la novamente.

O silêncio reinou na sala e Kiara saiu. Eu não entendi muito bem a razão daquela forma de agir.

Saí a sua procura, contudo não a encontrava em lugar algum. Ao passar pelos aposentos do rei, escutei uma gritaria vindo de dentro, com uma das vozes sendo a de minha esposa. Entrei no quarto imediatamente e vi Darius segurando Kiara, que chorava descontroladamente. Fiora com Lena nos braços, chorando.

— Darius! O que pensa que está fazendo?! — Gritei e puxei minha esposa para meu lado.

— Sua mulher tentou matar a minha filha! — Olhei para Kiara, sem entender o que estava acontecendo.

— Creonte, ele está mentindo! Eu só queria conhecer a princesa. Depois que me contaste, confesso que fiquei um pouco em choque. Não soube nem como reagir. Quando consegui colocar meus pensamentos em ordem, eu vim até o quarto dela, mas não tinha ninguém aqui. Fiara só chegou gritando, pulou em cima de mim e disse para Darius que eu tentei matá-la.

— Ela é uma mentirosa! Ela estava claramente tentando enforcar minha filha. Eu não tenho dúvidas! — Disse Fiara.

— Creonte, tu tens que acreditar em mim! Depois de tudo que passamos juntos... também sou mãe! Eu nunca faria isso!

— Eu acredito em ti, Kiara. — Me virei para o rei. — Darius, ela não fez isso! Se acalme!

— Me acalmar?! Eu acabei de descobrir quem estava por trás do atentado contra minha esposa. Isso não vai ficar assim!

— *Darius, eu sou seu braço direito há anos. Tu não podes...*

— *Eu não só posso, como vou. Guardas!*

Os guardas chegaram e tentaram pegar Kiara. Eu entrei na frente.

— *Minha esposa só será levada por cima de meu cadáver!*

— *Creonte, saia da frente, tu não vais querer ir junto de sua esposa, vais? — Continuei onde estava. — Deixarás Diana sozinha? — Eu pensei um pouco e olhei para minha esposa. Ela acenou com a cabeça. Então, eu saí da frente. — Foi o que pensei.*

Os guardas foram até minha esposa, que permaneceu calada. Fiquei imóvel enquanto eles a carregavam. Eu apenas fiquei parado...

— Minha esposa foi à forca, com todo o reino assistindo. Todos gritavam para matá-la. Matá-la por um crime que ela não cometeu. O resto da história tu já sabes. Eu me reuni com o conselho do palácio, que também estava insatisfeito com as paranoias do rei, e tomei o poder. Nós decidimos exilá-los, mas eles imploraram que tu ficasses e foste tratada como a princesa que és.

Lena passou alguns segundos parada olhando para Creonte. Depois, correu desesperadamente. Ela não conseguia pensar em nada, apenas corria mais e mais. Em meio a correria, seu corpo trombou com o de alguém, que a segura pelos ombros, mostrando seus olhos em lágrimas.

— Lena! — Ela olha para Diana e a abraça com força. Ela sente uma calma quando o cheiro de sua irmã invade seus sentidos. — O que aconteceu? — Diana pergunta calmamente, tentando entender a situação.

— Diana, eu não consigo nem explicar... é como se minha vida inteira fosse uma mentira. Uma mentira contada por todos; inclusive, contada pela pessoa que eu acreditava ser meu pai.

— Do que estás falando?

— Eu não sou sua irmã, Diana. Creonte não é meu pai.

— O quê?! — O choque no rosto de Diana era visível. — Então isso quer dizer que...

— Dizer que o quê? — Ela prendeu seu olhar ao de Diana, que passa devagar o polegar pela bochecha de sua irmã, limpando uma lágrima que escorria por seu rosto. A filha de Creonte sentiu sua respiração ficar desregulada. Seu olhar foi desviado rapidamente para a boca entreaberta de sua irmã e depois subiu para os olhos novamente.

Lena sentiu aquele sentimento outra vez... O olhar tão intenso de sua irmã fez seus batimentos aumentarem o ritmo; o simples toque causou arrepios em sua nuca; e, por um momento, ela esqueceu dos últimos acontecimentos.

Diana passa a acariciar a bochecha de sua irmã e se aproximar de seu rosto. As duas alternavam os olhares e o tocar de seus lábios, como se uma corrente elétrica percorresse seus corpos. Elas estavam finalmente liberando um desejo reprimido há muito tempo. Lena põe a mão na nuca de Diana, intensificando ainda mais a emoção. A corrente não parava de percorrer seus corpos.

— O que as duas pensam que estão fazendo?! — Creonte as questiona, interrompendo o momento.

— P-pai... A-a gente... — Diana não conseguiu falar.

— Eu não estou acreditando... Vocês são irmãs! E são garotas!

— Nós não somos irmãs! Tu mesmo disseste isso! E do que importa se somos garotas ou não? Nós nos amamos!

— Lena... Eu não te criei assim! Não sabes o quão difícil foi cuidar da filha do homem que matou minha esposa! Mas eu nunca deixei de te dar o mesmo tratamento que Diana. Se eu soubesse o desgosto que ia me dar, teria te mandado embora junto com teus pais...

— Isso é sério?! Tu estás dizendo que não me amas mais só porque eu amo outra garota?

— Só? Lena, isso não é natural! Tu não devias se deixar levar por seus desejos assim...

— Então eu devia me reprimir e viver uma vida infeliz?!

— Tu vais achar felicidade em outra coisa. Eu prometo! — Ele olhou para Diana, que ainda estava com lágrimas nos olhos.

— Tudo que estou falando vale para ti também, minha filha.

Ela enxugou outras lágrimas que estavam começando a se formar.

— Não! A Oráculo estava certa! Eu não vou fazer mais isso! Eu não vou esconder meus sentimentos!

— Diana... Eu sempre achei que serias a minha princesinha. Já tinha planos para te casar com um príncipe. Por que vais me dar tanto desgosto assim?

— Eu que nunca pensei que você me daria tanto desgosto assim.

Diana olhou para Lena, segurou a mão dela e foi em direção à saída.

— Eu não permitirei que isso aconteça! G-guardas! — Ele hesitou um pouco. — Prendam as princesas.

— O quê? — Gritou Lena, sem acreditar.

— Pai... — Diana não tinha palavras.

— Um dos deveres do rei é manter a imagem do reino. Não posso manchá-la dessa forma. — Ele falou com a cabeça baixa.

— Eu prefiro morrer feliz do que viver uma vida triste. — Disse Lena.

— A escolha é sua.

— Se realmente tivéssemos uma escolha, nós ficaríamos juntas... — Disse Diana.

— E bem longe daqui! — Complementou Lena.

— Chega de conversa! Guardas, levem-nas!

As duas foram levadas até o calabouço do castelo e colocadas em celas diferentes. O guarda que levou Lena entrou em sua cela.

— Não se preocupe, seus pais logo virão salvá-la. — E saiu antes que Lena pudesse responder.

Enquanto isso, Creonte foi para a sala do trono. Um membro do conselho se aproximou.

— Vossa Majestade.

— Sim?

— Não achas que prender as princesas vai acabar com a imagem do reino?

— Mais do que o casamento das duas?

— Senhor, todos as amam. Eles aceitariam...

— Eu não aceitaria!

Diante disso, o conselheiro se dirigiu à saída.

— Espere! Mande preparar meu cavalo. Eu vou sair —
Gritou o rei.

— Como ordena!

O rei monta em seu cavalo e começa a cavalgar. Ele vai até o palacete da Oráculo. Quando desce do cavalo, percebe que Gael está parado em frente à porta.

— Ela estava te esperando. — Disse o ajudante.

Ele entra e vê a Oráculo já a sua espera.

— Seja bem-vindo, Vossa Majestade!

— Vamos pular as boas-vindas e ir direto ao que interessa?

— Paciência é a maior virtude que um homem pode ter.

— Não é possível ter paciência em um momento como esse.

— Por que diz isso, Majestade? Não estava com paciência quando prendeu as meninas?

— Não me digas que também achas que foi uma decisão errada.

— Não estou aqui para falar o que acho. Estou aqui para falar fatos.

— É um fato que minha decisão foi errada?

— Talvez... Mas não é para falar sobre esse fato que estás aqui.

— Foi por ele que eu vim.

— Por ele que achas que veio.

— O que queres dizer com isso?

— Lembra-te da pessoa que jurou estar até a morte contigo?

— Estás falando da minha esposa?

— Sabias que ela me procurou meses antes de morrer?

— O quê?

— Eu a avisei que o nascimento de uma certa menina seria a causa de sua morte. Mas ela parece ter interpretado errado.

— Estás dizendo que minha esposa realmente tentou matar Lena?

— Essa é sua interpretação.

— Oráculo, não me venha com seus truques agora!

Ela fecha os olhos. Creonte se vira e sai do palacete, com raiva.

Quando chega ao castelo, dirige-se imediatamente ao calabouço. Quando chega lá, vê que as duas princesas não estão nas celas.

— Guardas!

Há algumas horas, o guarda que prendeu Lena saiu do reino e foi até uma casa no meio da floresta, não muito longe. Chegando lá, ele bateu à porta.

— Olá, Ismael. O que o traz aqui? — Darius a abriu.

— Senhor Darius, sua filha está presa — O guarda infiltrado disse ao antigo rei.

— Como isso aconteceu?

— Eu não sei muito bem. O rei Creonte chamou os guardas e ordenou que a prendesse juntamente com a outra princesa no calabouço do castelo.

— Ele prendeu até mesmo a filha?! Creonte está enlouquecendo? Ismael, obrigado pela informação. Já puedes ir.

O guarda se dirigiu até a porta da pequena casa.

— Darius, o que faremos? — Fiora surgiu da cozinha assim que o guarda saiu.

— Não deixarei que nossa filha continue presa, Fiora — Disse com firmeza — Eu irei tirá-la de lá.

— Irei contigo.

— Fiora, não! Não deixarei que se arrisque assim. Fique aqui e continue segura, meu amor.

— É minha filha, Darius. É minha culpa de estar longe de seus verdadeiros pais. Eu irei ajudá-la.

Darius foi até seu velho baú, pegou uma empoeirada espada e a prendeu à cintura. Depois, vestiu seu velho sobretudo preto, jogando o capuz pela cabeça. Ambos montaram em seus cavalos e saíram em disparada para o castelo.

Por conhecer muito bem sua velha casa, o antigo rei sabia de entradas que até mesmo Creonte desconhecia, incluindo uma passagem secreta para o calabouço. Contudo, ele ainda teria que achar uma maneira de entrar no castelo sem ser percebido.

Ao chegar ao reino, Darius diminui a velocidade de seu cavalo. Dirigiu-se ao portão mais discreto para tentar entrar no castelo sem ser percebido. Alguns cidadãos estavam próximos, mas nenhum pareceu desconfiar de nada. Ele sabia que Creonte tinha mantido a mesma administração do reinado anterior, por isso, as carroças com suprimentos entravam sempre por aquele local.

Em pouco tempo, uma carroça apareceu assim como Darius previu. Sorrateiramente, os dois subiram na carroça, que

possuía uma cobertura de lona. Dessa forma, eles conseguiram entrar no castelo sem serem vistos.

Ainda na carroça, pelas vozes, os antigos reis de Teros deduziram que já tinham chegado ao ponto estratégico. Os guardas se afastaram, não desconfiavam de nada, e o casal saltou da carroça e caminhou, à espreita, até a entrada do castelo, onde Ismael estava de guarda junto a outro companheiro.

Darius e Fiora vão até os guardas.

— Saudações, senhores. Somos de um outro reino. — Fiora disse elegantemente enquanto Darius fitava Ismael.

— O rei me comunicou de sua chegada — Disse o guarda espião. Seu companheiro pareceu desconfiado, mas permitiu a passagem dos dois.

Os antigos reis finalmente entraram em sua antiga casa. Rapidamente, seguiram até o corredor da cozinha, onde havia um grande vaso de cerâmica. Ao verificarem que ninguém está por perto, eles o arrastaram, dando acesso a uma escada. Em seguida, desceram por ela, fecharam a passagem e chegaram até o calabouço, onde havia dois guardas. Fiora corre em direção a eles.

— Socorro! Ele quer me matar!

— O que está acontecendo, senhora? — Pergunta um dos guardas.

— Ele está tentando me matar. — Apontou para Darius, que já estava com a espada na mão.

— Não se preocupe, nós vamos matá-lo.

— Obrigada!

Os guardas seguiram em direção a Darius. Quando passaram por Fiora, ela pegou as chaves da cintura deles, sem

ser percebida. Eles empunharam suas espadas e começaram a lutar com Darius. A antiga rainha aproveita a desatenção deles e abre a cela de Lena.

— Porque estás me salvando? — Pergunta Lena.

— Porque... porque eu sou sua mãe...

— Aquela que me abandonou?

— Espera, já sabes do que aconteceu?

— É, Creonte me contou. De qualquer forma, abra a cela de Diana também.

— Nós só viemos aqui para te salvar.

— Eu só saio daqui com a minha ir... é... com ela!

Fiora hesitou um pouco, mas abriu a outra cela; Diana saiu imediatamente e foi ao encontro da amada, beijando-a.

— Então foi por isso que Creonte as prendeu.

— Tens algum problema com isso? — Pergunta Lena, assim que o beijo acaba.

— Claro que não. Eu quero ver minha filha com quem ela ama.

— Ótimo! — E virando-se para Diana. — Vamos!

— Espere! Tens certeza de que podemos confiar nela?

— Perguntou Diana.

— Não. — Disse enquanto puxava Diana na direção de Fiora.

Darius, que estava tentando não machucar os guardas, finalmente os imobilizou. As três mulheres passaram correndo por ele.

— Não vão dizer nem um "oi"?

— Não temos tempo para isso! — Gritou Lena.

Assim, os quatro vão pelo caminho que Fiora e Darius entraram. Na porta de saída do castelo, Ismael já estava

sozinho, pois o companheiro estava desmaiado no chão.

— Deixei dois cavalos prontos para o senhor logo na saída, Majestade.

Darius assentiu.

— Obrigado por sua lealdade de tantos anos, Ismael!

Então eles se direcionaram para onde Ismael coordenou. Lena e Diana se surpreenderam quando viram Piter e Eclipse diante delas. As duas subiram em Eclipse, tendo Lena como guia, enquanto Darius e Fiora montaram em Piter.

— Para onde vamos? Meu pai pode aparecer a qualquer momento. — Disse Diana .

Com o olhar fixo para os portões, Darius alertou:

— Ele já apareceu.

A distância, Creonte e diversos guardas vinham em cavalos, aproximando-se deles. Eles dispararam em seus cavalos, indo por outra saída, que levava à cidade. Os quatro tentavam fugir a todo custo, porém quanto mais corriam, mais guardas surgiam. Até que, perto de conseguirem fugir para a floresta, Creonte surgiu perante eles, fazendo os cavalos pararem e os quatro ficarem emboscados.

— Eu não posso permitir que escapem! — Gritou o rei.

— Pai, deixe-nos ir. Prometemos nunca voltar para esse reino novamente. — Implorou Diana, tentando convencê-lo.

— Diana, tu sabes quem é esse homem do seu lado?

— Ele é o verdadeiro pai de Lena.

— Sim, ele é, mas ele também é o assassino de sua mãe!

— O quê? — Ela encarou Lena. — Isso é verdade?

— Sim.

— E tu ainda assim me trouxeste? Sabendo que ele matou minha mãe?

— Diana, se não fosse por eles, nós ainda estaríamos presas. — Ela suspirou. — E, além disso, Darius matou-a porque ela tentou me matar.

— Ela tentou te matar? Mas por quê?

— Eu não sei... Creonte diz que isso foi uma mentira, mas eu não sei mais em quem acreditar...

— Tu tens que acreditar em mim! Eu sou seu pai! Posso não ter teu sangue, mas eu te criei. Eu te amo. Esse homem é um desconhecido. — Disse Creonte.

— Tu sabes que ela tentou, Creonte! Tu estavas no quarto!
— Manifestou-se Darius.

— Eu apenas escutei a gritaria! Tu e tua esposa estavam acusando minha mulher quando cheguei.

— Parem com isso! — Gritou Fiora, surpreendendo todos. Ela estava chorando — Eu não vi Kiara tentar matar nossa filha, Darius.

— O quê?! Mas tu disseste que...

— Eu não aguentava mais tuas paranoias! Tu não me deixavas sair do quarto. Eu só queria minha liberdade de volta. Não queria criar minha filha dentro de um quarto. Ela estava lá, sozinha com Lena, e eu vi a oportunidade de acusá-la para acabar com tudo aquilo. Eu não estava pensando direito... eu pensei em mim apenas.

Ela se virou para Creonte:

— Me perdoe, Creonte... eu nunca quis lhe causar nenhuma dor.

Creonte a olhou furiosamente e disse:

— Sua Cretina...

Ele sacou a espada e partiu em sua direção com toda ferocidade que tinha, mas foi impedido pela espada de Darius.

— Não ouse encostar um dedo em minha mulher!

As espadas dos dois estavam cruzadas.

— Mesmo não sendo sua mulher que tentou matar minha filha, não esqueça do fato que apenas após sua morte não tentaram matar Lena novamente. Acha que isso é apenas coincidência? Aquele homem tentou matá-la uma única vez. Ninguém tentou novamente.

— Tudo foi a sua paranoia falando, Darius. Tu és e sempre foi um louco! — A raiva e o remorso emanavam. Um único movimento, a luta seria travada.

— O senhor Darius tem razão! — Uma voz surgiu em meio à multidão que já se aglomerava ali — A senhora Kiara queria a princesa Lena morta. — Uma mulher, segurando uma criança pela mão, deu um passo à frente da multidão.

— E quem tu pensas que é para fazer uma acusação dessa contra minha esposa?

— Eu sou a mulher do homem que tentou matar a princesa Lena anos atrás. Foi Kiara quem o mandou. Nós precisávamos do dinheiro. Eu me mantive calada todo esse tempo por medo. Mas isso precisa acabar! — Todos olharam para a mulher espantados, digerindo suas palavras.

Creonte virou sua espada para mulher.

— Tu não sabes o que estás dizendo! Minha mulher não era assim! Tu, Oráculo, Darius e Fiora, todos, são malucos. Kiara nunca faria uma coisa dessas. — A raiva era explícita no rosto dele.

— O que a Oráculo tem a ver com isso? — Perguntou Darius.

— Calado! Todos estão condenados à forca! Traidores!

— Ele se voltou para suas filhas. — Lena, Diana, escolham um lado.

— Pai, acalme-se. Pense nisso com clareza. Minha mãe pode não ser tão perfeita! — Diana disse, com um pouco de medo nas palavras.

— Primeiro, tu se entregas a seus desejos mundanos. Agora, se junta com Darius para conspirar contra mim. Eu não poderia estar mais decepcionado. Guardas! Levem os cinco à forca!

— Creonte, por favor. Tu estás cego de amor por alguém que já morreu... Ela, provavelmente, tinha seus motivos para fazer isso. — Falou Lena, assustada como nunca.

— Creonte? Nem de pai me chamas mais...

— Pa...

— Nem mais uma palavra!

Os guardas se aproximam e levam os cinco até a praça central, onde já foram preparadas cinco forcas.

— Tu vais se arrepender de fazer isso, Creonte. Estás a matar tua filha e ainda me chamas de louco! — Darius exclamou enquanto a corda era colocada em volta de seu pescoço.

— Minha filha? Filha minha, não te voltes contra mim nem contra minhas vontades. Onde já se viu estar com outra garota, ainda mais sua irmã.

— Lena não é minha irmã, pai!

— Ela foi criada junto! Eu as criei! E não vou admitir que fiquem fazendo essa desfeita em meu reino! — Creonte se dirigiu até a alavanca e se virou para os cinco — Têm mais alguma coisa a dizer?

— Não cometa os mesmos erros que eu. — Darius disse.

— Não vou!

— Pai, o senhor pode estar me matando, mas pelo menos não estarei indo dessa vida com uma mentira para mim mesma. Eu realmente sou isso. Mesmo pensando diferente, eu te amo e sei que ela sente o mesmo.

Creonte olha para a cena intensamente. Era o último olhar... Então puxa a alavanca e observa os cinco condenados darem seus últimos suspiros de vida.

Uma Flor e Um Espírito

É um conto inspirado na luta dos povos indígenas cuja escolha do nome marca a convivência com a tribo *Eleotérios do Catu* — uma aldeia entre os municípios de Canguaretama e Goianinha, às margens do rio Catu, no Rio Grande do Norte. Pertencendo ao gênero fantástico, esse conto traz um universo de reinos, animais mágicos, feitiçaria, espíritos mágicos, questões familiares, ganância e luta não só por terras mas também pela cultura de um povo.

UMA FLOR E UM ESPÍRITO

Amanda Caroline Almeida Queiroz

Ana Paula Santana de Souza

Clotilde Gomes Mangabeira

Henrique Targino de Lima

Mayara Karolyne de Lima Santos

No orfanato Brennand, morava uma jovem garota chamada Maria, que sonhava em sair daquele lugar sombrio e ter a oportunidade de descobrir o significado dos sonhos que tinha constantemente.

No dia do seu aniversário de 17 anos, ela decidiu fugir do orfanato para ir em busca de uma vida melhor e encontrar uma resposta para seus frequentes sonhos, os quais sempre a deixavam intrigada.

Em uma noite, quando todos estavam dormindo, ela fugiu com a ajuda do guarda, que era um grande amigo desde sua chegada. Antes de ir embora, despediu-se e agradeceu por todas as ajudas durante sua estadia no Brennand. Então ela saiu correndo o mais rápido que podia para que os responsáveis do Brennand não pudessem alcançá-la.

Depois de muito correr, cansada, Maria entrou no reino *Wonder* e, vagando pelas estradas, conheceu um jovem chamado Antônio, sem saber que se tratava do filho do rei Romero. Esse homem era tão malvado quanto seu animal de estimação, um gavião que sobrevoava todo seu reino e tudo a seu redor. A conexão entre os dois era tão grande a ponto de contar tudo o que via a seu dono.

Durante a conversa com o príncipe, ela relatou a fuga do orfanato, e o jovem aventureiro, percebendo que a garota estava perdida, ofereceu-se para mostrar todo o reino.

Antônio mostrava toda a praia que banhava *Wonder*, quando viu um pequeno barco e fez uma proposta à garota: pegar o barco e irem até uma pequena ilha misteriosa que Romero, seu pai, há 20 anos tentava dominar. De algum modo, algo estranho acontecia na ilha e todo o exército que lá ia não voltava após a invasão.

Sem coragem para enfrentar a aventura, porque esta não era a razão de ter saído do orfanato e não aceita a mudança, mas ele logo a encorajou e falou que, após a jornada, eles encontrariam uma resposta para os sonhos da garota.

Durante a negociação, os dois têm uma longa conversa e se conhecem melhor. Maria conta sobre sua história de vida no orfanato e Antônio sobre sua vida de príncipe em *Wonder*.

Ao chegar à ilha, a jovem estava com muito medo, mas, mesmo assim, os dois entraram na floresta. Dentro da floresta, os jovens são abordados de forma tão rápida que, quando se dão conta, já estão em uma aldeia rodeados por índios.

Intrigado com os traços indígenas de Maria, o cacique, em vez de mandar matá-los, como dizia a regra da aldeia, uma vez que não poderiam sair daquele local com o segredo de sua existência, decide apenas fazê-los prisioneiros. Entretanto, um feiticeiro da tribo não gostou da decisão do cacique, pois não aceitava o fato de estranhos permanecerem na aldeia, por causa da tradição local.

Após a piedade do cacique com os dois forasteiros, Antônio, pensativo e empolgado, fala:

— Viver como um índio e morar em uma ilha rodeada pelo mar e pela floresta, que experiência incrível, Maria!

— Você deve estar alucinando! Nós estamos presos, não somos moradores e muito menos índios.

Aprisionada, a garota não gostou muito da ideia de ter que desistir do motivo que a fez sair do orfanato. No entanto, ela sentiu um vínculo tão forte com aquele local que, previamente, conformou-se com a condição.

No dia seguinte, o cacique, ainda desconfiado da fisionomia de Maria, decide deixá-los livres pela aldeia para poder observar melhor, limitando seus acessos a lugares onde todos pudessem vê-los. Os dois prisioneiros, para conversarem melhor, afastaram-se do grupo, dirigindo-se a um rio próximo, então Maria comenta:

— Meu Deus, eu queria só uma informação e olha onde eu vim parar!

— Olha o lado bom da situação...

— Que lado bom? Tudo isso é culpa sua. Deveria ter ignorado você na estrada.

— Mas não ignorou, por que será?!

— Aquele feiticeiro nos encarava com uma expressão muito assustadora. — Disse Maria, lembrando o momento anterior.

— Que tal pescarmos? — Disse Antônio olhando para o rio.

Maria, sem paciência para os devaneios de Antônio, colocou as mãos na cabeça e foi embora.

Enquanto isso, na aldeia, o feiticeiro tentou convencer o cacique a voltar atrás em sua decisão, pois a permanência dos jovens no local era contra as regras, ressaltando:

— Você sabe muito bem... no passado, o quanto nos custou manter um forasteiro em nossa aldeia...

— Minha decisão já está tomada! Peço que deixe minha tenda.

Em *Wonder*, o rei estranhou o sumiço de seu filho e, temendo que não voltasse mais vivo, mandou seu animal vasculhar toda a região, pois Antônio já estava ausente há muitos dias.

Depois de dois dias de buscas, o gavião retornou sem informações sobre o herdeiro, mas talvez com uma notícia ainda melhor para o tirano. A ave encontrou a localização das riquezas da ilha habitada pelos indígenas. Romero, em um acesso de fúria pelo fracasso em relação a volta do filho, decidiu organizar uma emboscada na ilha para se apossar das terras indígenas; esquecendo-se totalmente de seu filho e organizando uma armação durante a noite.

Pela manhã, Maria se encontrava no rio pensativa e Antônio, acabando de acordar, foi atrás dela. Antônio sentou ao seu lado e disse:

— Oi... Desculpa por ter te metido nessa.

— Esquece isso, já passei por coisas piores.

— Não, eu deveria ter pensado nos riscos.— Maria, rindo, respondeu:

— Olha, ele pensa! — Antônio, devolvendo a risada, comentou:

— Às vezes.

— Como os mais novos indígenas dessa aldeia, o que vamos fazer hoje, meu príncipe?

— Sabe... talvez eu tenha vindo para cá não só por curiosidade, mas fugindo de uma vida de guerra, de desprezo, daqueles que não têm nome nobre, de um pai ganancioso...

— E a sua mãe? Deve ser legal ter uma!

— Perdi minha mãe por causa do meu pai... em uma tentativa de dominar o reino.

— Meus pêsames! Meu caso é pior. Como você sabe, não tenho ninguém.

— O lado bom dessa situação é que nos conhecemos. Então, tecnicamente, agora você me tem!

Já à noite, depois de ter reivindicado uma mudança na decisão do cacique e falhado, o feiticeiro ali estava, escondido e furioso, observando-os e escutando tudo o que eles falavam. Alguns minutos depois de Maria ter confessado a Antônio um sonho sobre uma mulher em um campo cheio de flores, o feiticeiro ficou pensativo e fez uma ligação com uma jovem índia que adorava passar as suas tardes coletando flores pela aldeia.

Potira, uma bela jovem de 17 anos, havia tido um romance às escondidas com um guarda do reino de Romero chamado Manuel, que, na época, era prisioneiro da aldeia. Não demorou muito para que houvesse um fruto desse romance.

O feiticeiro, após saber do relacionamento e nascimento da filha de Potira e Manuel, tentou matá-los com um feitiço, mas, durante a tentativa, o guarda fugiu com sua filha em um pequeno barco a pedido da jovem indígena, que aos prantos se despedia de seu bebê. Esperando que Manuel fosse para bem longe, onde o homem, cheio de poderes, não os encontrasse, a jovem ficou para tentar impedir o ancião de jogar uma magia em sua filha.

Com a fuga do guarda, o feiticeiro ficou furioso, pegando uma flecha e acertando o coração da jovem Potira. Em seguida, foi até a aldeia e mentiu para todos: o guarda havia fugido com a filha de Potira e matado a pobre aldeã.

Com toda sua idade e experiência, todos acreditaram nele, sem hesitar.

Em terra firme, Manuel deixou sua filha na porta do orfanato, com medo de que houvesse represálias por parte do reino. Tudo isso foi feito para manter a aldeia em segredo, a salvo do malvado rei Romero.

Após refletir sobre a antiga história e observando Maria e Antônio felizes, movido pela raiva, o feiticeiro joga uma magia no rio, provocando uma forte corrente, que os arrematou rio abaixo. Rapidamente, o feiticeiro saiu do local.

Sem saber nadar, Maria não conseguiu sair do rio. No entanto, o príncipe, desesperado, tentou salvá-la, porém falhou. A jovem morreu afogada na beira do rio e Antônio ficou desconsolado.

Na tribo, havia uma lenda de que a jovem com o sentimento mais puro se transformaria no espírito da lua e, quando os aldeões mais precisassem dela, teriam sua ajuda. Foi exatamente isso que aconteceu. Quando o príncipe ainda chorava, de repente, saiu uma luz branca do rio em direção a seu coração e depois subiu para a lua, com uma intensidade capaz de iluminar toda a ilha.

Logo após isso, Antônio voltou para a aldeia e contou tudo o que aconteceu a todos. O cacique, com a mão no peito, confirma sua suspeita: a jovem Maria era filha da índia morta há 17 anos.

Já na noite tão esperada por Romero, vários navios com tropas imensas de soldados navegavam em direção à aldeia. Ao chegar à ilha despercebidos, todos entraram na floresta. Algumas coisas estranhas aconteceram, ocasionando a morte de alguns soldados, mas as defesas sobrenaturais daquele

local não eram suficientes para acabar com o exército que ali estava.

Depois de horas vasculhando aquela ilha, o rei encontrou a aldeia e lá aconteceu uma grande guerra, que acabou matando vários indígenas, inclusive o feiticeiro que morreu com uma espada no peito.

Romero se dirigiu à tenda do cacique e encontrou seu filho, que o desafia:

— E a ambição não para! O senhor tem certeza que quer continuar a fazer mal a esse povo, pai?

— Que decepção, Antônio! Não achei que você se voltaria contra seu próprio reino.

— Não é questão de lado, Romero! Olha o sofrimento que você está causando a esse povo inocente!

Cego pela ganância, o rei joga seu filho para fora da tenda e, com uma espada, tenta matar o cacique. Contudo, a mesma luz branca do rio surgiu na tenda. Era o espírito da jovem Maria. Vendo a trágica situação da aldeia, o espírito cega o rei, que já não via mais o mundo como deveria, e vai até o conflito dos soldados com os indígenas, expulsando aqueles da aldeia.

A aldeia agora estava salva, e Antônio, olhando para aquela luz que os ajudou durante a batalha, reconheceu o espírito de Maria, mas, quando foi ao seu encontro, com olhos cheios de lágrimas, o espírito subiu em direção à lua.

Depois de presenciar tantas guerras causadas por seu pai e querendo esquecer toda aquela vida que tinha, Antônio decide ficar na tribo vivendo com os aldeões pelo resto de sua vida.

Deu a Louca no Reino?

É um intertexto entre os famosos e os populares personagens dos contos de fadas ² e das histórias em quadrinhos com as temáticas que são debatidas com os adolescentes do século XXI, como homossexualidade, autoconhecimento e empoderamento feminino. Deixando para trás a ideia de incapazes e frágeis, as princesas deste enredo procuram felicidade, satisfação e liberdade singulares.

2 BORGES, M.L.X.A; MACHADO, A.M. **Contos de fadas**: Perrault, Grimm, Andersen e outros. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

DEU A LOUCA NO REINO?

Bruna Medeiros dos Santos

Claudielle Samara Oliveira de Alcantara

Eriberto da Silva Bezerra Junior

Lais Tayany do Nascimento Soares

Luis Felipe Bezerril de Lima

Era uma vez quatro princesas: Bela, Cinderela, Merida e Branca de Neve. Elas eram muito amigas, viviam sempre juntas e a todo momento estavam se metendo em confusão ou tentando sair de uma. Com isso, resolveram criar um clube do qual só elas poderiam participar — *A Liga das Princesas*. Elas tentavam resolver problemas simples, como tirar um gatinho de uma árvore ou ajudar uma velhinha a atravessar a rua, e problemas muito, muito mais complexos.

Certo dia, Rapunzel — uma grande amiga das princesas — chegou no Clube aos prantos, pois seu namorado, o príncipe Felipe, havia sido sequestrado.

Por quem? Para onde? Como? Ela não sabia, só tinha as pistas que os sequestradores haviam deixado, e Rapunzel estava disposta a encontrar seu príncipe encantado. Com a ajuda de suas amigas, é claro!

Rapunzel: Preciso da ajuda de vocês! Meu príncipe foi sequestrado! Precisamos seguir as pistas para encontrá-lo.

Cinderela: Calma Rapunzel! Conta pra gente o que aconteceu...

Rapunzel: Não dá tempo, temos que agir agora ou meu príncipe correrá ainda mais perigo. Por favor, me ajudem!

Branca de Neve: Vamos te ajudar, Rapunzel! Venha aqui, nos mostre o que deixaram no lugar onde estava seu príncipe.

As princesas examinaram a prova deixada na cena do crime. Era uma carta dizendo que o príncipe havia sido sequestrado e que, se Rapunzel quisesse vê-lo novamente, ela deveria seguir bem direitinho as pistas e as instruções deixadas, que eram as seguintes: não falar com a polícia e ir ao lugar indicado pelo sequestrador, o restaurante *Chalque na Brasa*, que era um dos mais badalados e conhecidos por todos do reino.

As princesas pegaram a carruagem da Cinderela e foram até o restaurante. Ao chegar lá, elas encontraram alguns amigos do príncipe Felipe e começaram a fazer algumas perguntas sobre ele.

Rapunzel: Vocês viram meu príncipe? Ou alguma coisa estranha que tenha ocorrido por aqui?

Todos negaram ter visto o tal príncipe ou qualquer outra coisa suspeita. De repente, Bela vê um papel pregado na janela do restaurante.

Bela: Meninas! Olhem o que eu achei!

Era mais uma pista deixada pelo tal sequestrador.

Bela: É uma espécie de bilhete, que diz: “Boa, garota! Você está chegando perto de seu príncipe. Não se preocupe. Ele está muito bem, mas cuidado, o tempo está acabando. E lá vai mais uma pista: vá ao lugar onde vocês se conheceram e poderá encontrar o que procura”.

Depois da leitura do bilhete, Rapunzel entra em desespero e começa a chorar, temendo nunca mais ver seu príncipe. Suas amigas logo pedem para que ela se acalme e tente lembrar onde seria o lugar.

Após se acalmar, Rapunzel para e pensa onde seria esse lugar.

Rapunzel: JÁ SEI! A gente se conheceu na padaria de Seu João, logo ali em frente.

Todas as princesas começaram a correr, e Cinderela, como de costume, deixou seu sapatinho de cristal para trás, mas Merida encontrou e lhe devolveu para evitar futuros problemas.

Assim que chegaram à padaria, logo viram na bancada um novo bilhete com mais uma instrução. Merida estava entediada; Cinderela cansada de correr sem conseguir resultados; e Bela com muita, mas muita fome. Eis que Branca de Neve teve uma ideia.

Branca de Neve: Estamos cansadas e famintas. Então vamos descansar um pouco e comer para recarregar nossas forças.

Entretanto, Rapunzel não gostou muito da ideia, pois queria encontrar seu príncipe o mais rápido possível.

Rapunzel: Meninas, por favor! Não me abandonem agora, precisamos encontrar meu querido príncipe, venham.

Merida, já com várias rosquinhas na boca, diz:

Merida: Tá louca? Eu estou morrendo de fome, de sede e estou cansada. Quero descansar pelo menos por alguns minutos. Sossegue, seu príncipe não vai para lugar nenhum. Vamos encontrá-lo.

Rapunzel: Não podemos perder mais tempo.

Ela, pensativa, parou.

Rapunzel: Pensando bem, você até que tem razão. Ele pode esperar um pouquinho. Pois, se eu não estiver bem, como poderei ajudá-lo?

Elas comeram, beberam e descansaram por aproximadamente trinta minutos. Depois, continuaram a

busca. Leram o bilhete que indicava que a próxima pista estava localizada na praça do centro da cidade.

Ao chegar à praça, elas começaram a vasculhar tudo. Infelizmente, não havia nada. Rapunzel começou a se debulhar em lágrimas, quando, de repente, ao fundo da praça, um jovem de capuz tocando violão vem em sua direção. Ela ficou bastante assustada, pois suas amigas sumiram misteriosamente.

Rapunzel: Afaste-se de mim. SOCORRO! SOCORRO!

Logo, o jovem tirou o capuz e se revelou como o príncipe Felipe. Ele estava fazendo uma bela serenata para ela com a ajuda de suas melhores amigas, que traziam placas com algumas mensagens fofas.

Sem acreditar e entender o que estava acontecendo, Rapunzel começou a chorar de novo, mas logo toda a situação foi esclarecida: o príncipe de Rapunzel queria fazer uma surpresa para sua amada, pois queria pedi-la em casamento e combinou tudo com suas amigas.

Rapunzel: O que está acontecendo, Felipe?

Felipe: Meu amor, eu queria lhe pedir em casamento, por isso, pedi ajuda às suas amigas para conseguir realizar esse sonho. Foi tudo minha invenção. Eu que fiz os bilhetes, as pistas e a música que acabei de cantar para você. Espero que tenha gostado.

Bela: Então, amiga, o que você achou?

Rapunzel: Você ficou louco? Quer me matar do coração? Nunca mais faça isso, viu?

Felipe: Então, meu amor, você aceita casar comigo?

Rapunzel pensou, enrolou, pensou mais um pouco e deu sua resposta...

Rapunzel: Não, eu estou apaixonada por outra pessoa.

Todos entram em estado de choque, exceto Cinderela, que aparenta estar bastante calma.

Felipe: Como assim? Não estou entendendo nada. Me explique essa história direito.

Rapunzel: É isso mesmo que você ouviu, estou apaixonada por outra pessoa.

O príncipe Felipe caiu aos prantos e foi consolado por outras princesas, que questionaram a decisão de Rapunzel.

Branca de Neve: Você está ficando louca!? O que você está fazendo!?

Cinderela: Deixe ela em paz. Ela tem direito de escolher o que quiser.

Enquanto o príncipe derramava lágrimas e lágrimas por causa de sua amada, as princesas tentavam consolá-lo.

Rapunzel, sentindo-se aliviada e culpada ao mesmo tempo, começou a chorar. Nesse momento, Cinderela se aproximou e roubou-lhe um beijo na frente de todos.

Todos ficaram pasmos ao ver aquela cena. Nunca imaginariam que, no reino encantado das princesas, isso pudesse acontecer.

Rapunzel: Vou contar toda verdade.

Após se acalmarem, Rapunzel conta a história para suas amigas e o príncipe: ela e Cinderela estavam perdidamente apaixonadas.

Felipe: Eu não estou acreditando nisso. Como você pôde ter feito isso comigo?

Rapunzel: Me desculpe, mas o amor foi mais forte que tudo.

Nesse momento, Cinderela estava em sua carruagem à espera de Rapunzel. Elas fogiram para um lugar muito distante.

Bela e Branca de Neve seguiram em busca de suas amigas que acabaram de fugir. Enquanto isso, Merida ficou a sós com o príncipe Felipe e mostra estar disposta a fazer tudo para vê-lo sorrir. O príncipe ficou encantado com as belas palavras de Merida e decide ficar com ela, pedindo-a em namoro. Merida aceita.

Bela e Branca de Neve desistiram de procurar suas amigas e voltaram para o reino. Lá, elas continuaram sua vida “normalmente”, até que um dia Bela descobre que está sendo traída pela Fera com uma de suas melhores amigas, Branca de Neve.

Bela: Não acredito no que estou vendo. Meu marido, pai dos meus filhos, e minha melhor amiga, juntos. E na minha cama!

Fera: Calma, querida. Eu posso explicar.

Branca de Neve: Não é nada disso que você está pensando, eu, eu...

Bela: Cale-se, sua branquela azeda. Vou matar vocês.

Bela corre com uma espada em mãos na direção da Fera, que está tentando proteger sua amante. Então Bela leva os dois a uma parte do castelo que estava perto de um penhasco e os dois traidores acabam caindo e morrendo juntos. Ela, por sua vez, viaja para o Caribe, pois havia colocado seus filhos em um colégio interno. Lá, ela conheceu um empresário muito rico, dono da empresa Chevroletagem, que fabricava carruagens de diversos estilos.

Cinderela e Rapunzel cavalgaram juntas até a Alemanha. Lá, adotaram duas crianças: uma menina chamada Samara e um menino que se chamava Junior. Depois, abriram uma empresa de rosquinhas e uma loja de *Sex Shop*. Com o dinheiro arrecadado, elas compraram duas novas carruagens,

uma para elas passearem com suas crianças; a outra, usariam para aumentar a renda da família, alugando para pessoas se divertirem durante as noites. Assim, foram felizes, até o dia em que a Rapunzel saiu de casa com o Shrek, mas isso é assunto para uma outra história.

O Menino que Salvou o Mundo Desconhecido

Foi inspirado na leitura do livro Édipo Rei, de Sófocles ³. Este conto é pensado tanto para crianças quanto para adultos que conseguem visualizar um mundo fantástico com seres imaginários dentro dos acontecimentos da vida. O enredo se passa em um mundo desconhecido, onde dois reinos irão se confrontar em uma batalha sangrenta, muitos segredos e mágoas do passado serão revelados e influenciarão a vida dos personagens e o término da história.

3 SÓFOCLES. Édipo Rei. São Paulo: Martin Claret, 2017. p. 45-160.

O MENINO QUE SALVOU O MUNDO DESCONHECIDO

Maeli Libnielly Serafim dos Santos

Em um planeta distante, existiam dois reinos: Ondros, o mais sombrio, governado pela rainha Diana, que só tinha ódio e um grande desejo de vingança em seu coração; e Gardênia, o mais pacífico, comandado pelo rei Charles e a rainha Jasmine, habitado por duendes, fadas e muitos outros animais fantásticos.

Certo dia, Jasmine preparou uma festa para anunciar a coroação do príncipe James, seu filho...

Durante a festa, um homem gritou desesperado:

— Corram! A rainha Diana está vindo!

As árvores e as flores murcharam, e o reino de Gardênia ficou numa imensa escuridão.

— O que você quer, rainha Diana? — A majestade Jasmine perguntou.

— A única coisa que eu quero é vingança! — Diana respondeu.

— Não entendo seu ódio. Nós, do reino de Gardênia, não lhe fizemos nenhum mal. — Disse Jasmine.

— Por sua culpa, não me casei com o rei Charles, por quem sempre fui apaixonada!

Desde sua juventude, Diana tinha um amor doentio por Charles, mas ele nunca o correspondeu. Sempre foi extremamente apaixonado por Jasmine, que também o amava.

Enfurecida, a rainha má ergueu uma espada em direção a Jasmine, porém o príncipe James pulou em sua frente... E o pior aconteceu: a lâmina da espada foi cravada em seu peito. O jovem que, pouco tempo antes, havia sido coroado deu seu último suspiro de vida.

Seu pai, enfurecido e com lágrimas nos olhos, empunhou uma espada e começou a lutar com Diana, mas ela tinha uma grande habilidade com a lâmina e o feriu.

— O que quer para nos deixar em paz? — A rainha Jasmine perguntou chorando.

— Se quiser salvar seu reino, terá que lutar em uma batalha sangrenta. — Diana propôs.

— Aceito sua proposta! Lutarei para salvar meu reino e trazer a tranquilidade de meu povo. — A rainha de Gardênia disse bravamente.

— Então, quando a lua estiver em seu ponto mais alto, a luta começará! — Ordenou Diana.

Jasmine tinha que salvar seu reino. A única maneira de vencer a luta era abrindo um portal no Planeta Azul e escolhendo uma pessoa valente, forte e sábia para ajudar e lutar em seu nome. Então enviou a pessoa mais confiável do reino para lhe trazer o escolhido: Claus, o conselheiro. Este atravessou o portal mágico e escolheu um garoto que andava sozinho e distraído.

— Quem é você? Para onde está me levando? — Disse o menino desesperado.

— Você é o escolhido para lutar contra o reino de Ondros. — Claus respondeu tentando convencê-lo.

Assim que chegaram ao castelo, Claus levou o menino para conhecer o rei e a rainha.

— Majestade, aqui está o escolhido. Seu nome é Jack. — Disse Claus.

— Bem-vindo, Jack!

— Obrigado. Posso estar sendo um pouco inconveniente, majestade, mas acho que conheço todos vocês

de algum lugar, mesmo sem ter vindo aqui antes. — Falou Jack, um pouco atordoado com os acontecimentos.

Com muita coragem, Jack disse que estava disposto a lutar e salvar o reino. A rainha Jasmine reuniu o exército por completo.

A lua chega em seu ponto mais alto e, então, é anunciada a guerra.

— Acabem com eles! — Ordenou a rainha Diana.

Durante a luta, o exército de Gardênia estava em vantagem contra Ondros, mas, quando Jack virou para Diana, ele viu apenas a escuridão. Sua respiração se tornou lenta e sentiu o coração pulsar rapidamente. A rainha má, com apenas um golpe, acerta o coração de Jack.

O corpo do menino começou a flutuar. Uma grande luz se formou ao seu redor, sua face não era mais a mesma. Todos ficaram chocados com o que viram e largaram as espadas. Jack começou a se transformar em outra pessoa após a morte. Vendo isso, Claus gritou desesperado:

— Rainha Jasmine, o Jack é o James!

— Como isso é possível?! — Questiona-se Jasmine desesperada.

Em seguida, o corpo do garoto desapareceu. Um homem alto, montado em um cavalo, se apresentou no meio do exército:

— Sou Oliver! Trago uma mensagem muito importante. Estou há anos procurando as rainhas Jasmine e Diana!

— Pode nos contar o que há de tão importante? — Perguntou Jasmine.

— Tempos atrás, estava à beira de um lago e uma mulher chegou desesperada. Ela era mãe de gêmeas, mas não

tinha condições financeiras de cuidar das duas, por isso, pediu que eu criasse uma de suas filhas cujo nome era Jasmine. A outra, que se chamava Diana, ficou sobre os cuidados do pai. Cuidei da garota durante uns dias, depois a entreguei à rainha Katherine, que tinha um grande coração. Ela disse que cuidaria da menina. Depois de tanto tempo, encontrei as duas irmãs juntas. Agora, posso ficar tranquilo, já que contei que as duas são parentes.

Diana não suportou saber que matou o próprio sobrinho e amava o marido de sua irmã, então fugiu e nunca mais foi vista. Jasmine a procurou durante um tempo, mas não a encontrou.

A rainha Jasmine e o rei Charles conseguiram devolver a paz ao reino novamente enquanto esperavam que o tempo amenizasse a perda de James.

Jack morreu, mas deixou um enorme legado ao salvar o reino de Gardênia. Dias depois, seu corpo foi encontrado no Planeta Azul. Como gesto de agradecimento a Jack, a rainha Jasmine ordenou que os pais contassem essa história para seus filhos e, quando a lua chegasse em seu ponto mais alto, as pétalas da flor kadupul⁴ cairiam em memória de seu filho James e do bravo guerreiro Jack.

4 A Flor Kadupul (*epiphyllum oxypetalum*) é oriunda do Sri Lanka e floresce por volta da meia-noite e morre durante a madrugada. Devido à sua raridade, fragilidade e extensão de vida incrivelmente curta, a flor Kadupul adquiriu um estatuto mítico e especial, sendo por isso uma das flores mais desejáveis e valiosas em todo o mundo. Disponível: <http://omeupomar.blogspot.com/2014/11/kadupul.html>. Acesso em: 4 dez. 2018.

DE NOVO, BEM-VINDOS À MODERNIDADE



“Este capítulo traz a discussão de temas modernos para a literatura, dando desfechos mais compatíveis com a realidade do que com a fantasia”

Baunilha e Canela

É inspirado em obras com temas relacionados a transtornos psicológicos, amor, ética. É uma trama passada sob o ponto de vista de Julian, um dançarino que se vê enganado pelo próprio coração e que vai aprendendo a lidar com perguntas que rondam suas ações: o quão diferente do que pensamos podem ser as pessoas que conhecemos? O quanto de nosso "eu" e de nossos valores pessoais estamos dispostos a sacrificar por um amor?

BAUNILHA E CANELA

Meiri Amalia Rodrigues

Milenna Nunes Marinho

Era quase meia-noite, e o vento forte batia por entre as árvores. O clima estava frio e as ruas eram iluminadas apenas pela luz da lua. A única pessoa corajosa — ou louca — o bastante para andar por aquelas ruas desertas, agora se arrependia de ter escutado os pedidos de seu melhor amigo e ficado naquela maldita festa.

Encolhido em um moletom, o belo ruivo andava rapidamente pelo beco que daria diretamente em sua casa. Porém, antes que conseguisse, uma mão grande e gelada pressionou seu nariz e sua boca com um pano que continha um líquido com cheiro muito forte, então tudo ficou escuro.

Acordei com o barulho estridente do despertador. Estava suado e ofegante, com finas lágrimas se formando em meus olhos. O frio daquela noite ainda estava impregnado em meu corpo. Fazia oito meses... Oito meses que eu fui parar naquele quarto escuro e conheci o ser mais contraditório que já existiu. Ele me mantinha preso não só fisicamente, mas seus olhos, que eram tão negros e opacos quanto seu cabelo, me hipnotizaram; seu cheiro de baunilha e canela, que me enredou de um jeito que eu me vi viciado nele; e sua voz, que me fazia estremecer até o último fio de cabelo. Tudo nele era misteriosamente atrativo.

Espantei as lembranças agrídoces e levantei-me. Olhei para o relógio acima de minha escrivaninha e vi que já passava das 18h. Pelo visto, meu cochilo da tarde ficou mais longo do que deveria. Logo mais, eu iria jantar com Vítor, um velho amigo meu.

Ele irá me apresentar um dos amigos de seu sócio que estava interessado em abrir uma escola de artes; o que era perfeito para mim, já que tinha acabado de me formar em dança.

Às 20h, Vítor apareceu em minha porta, trajando um terno todo preto, que contrastava com o tom quase platinado de seus cabelos. Seu olhar, calmo e caloroso, passava-me uma sensação de proteção. Eram tão diferentes dos olhos negros e frios que me atormentavam durante a noite.

Nós fomos até o restaurante em um silêncio aconchegante. Ao chegarmos lá, fomos recebidos por uma bela moça, que me deixou um pouco constrangido, já que não parava de lançar olhares e sorrisos em minha direção.

À medida que nos aproximávamos da mesa reservada, um frio foi tomando meu corpo, fazendo-me tremer. Eu me encontrava mais branco que papel. Aquele perfume. Eu não o esqueceria nem depois da morte.

O belo homem que estava sentado em uma mesa se levantou e veio em nossa direção com um sorriso de tirar o fôlego. Quanto mais ele chegava perto, mais tonto e embriagado com seu cheiro eu ficava. *Flashes* de memórias invadiram minha visão, fazendo-me reviver mais uma vez aquela maldita noite:

— Ei! Alguém me ajuda, por favor! — Eu gritava em meio ao breu. Podia ouvir os passos a minha volta além de sentir sua respiração queimar em minha nuca. As lágrimas já escapavam por entre a venda que eu usava enquanto sentia seu hálito se mover até minha orelha e perguntar:

— Ah, anjo, me diga o que você quer. — Sua voz não passava de um sussurro; o timbre grave fazia um arrepio subir por minha coluna.

— *Por... por favor, me deixe ir. Eu nunca fiz mal algum para ninguém, por que está fazendo isso comigo?*

A resposta que veio após a minha pergunta fez a torrente presa em meus olhos cair como chuva em um dia de inverno:

— *Você nunca vai sair de perto de mim. Sabe por quê? — Balancei a cabeça negativamente, sentindo a respiração quente do homem chegar perto de meu pescoço e sua boca morder o lóbulo de minha orelha. — Porque eu te amo.*

— Julian! — Voltei para realidade com a voz de Vítor.

Quando levantei a cabeça, dei de cara com um par de olhos cor de jabuticaba e lábios bem desenhados e cheios. Apesar de seu perfume ser tão parecido com o daquele monstro, era, ao mesmo tempo, tão inebriante. Ri da minha própria tolice por pensar que havia chances de ser ele. Talvez, eu estivesse ficando maluco.

Este é Lorenzo Barttoli. Ele é filho do empresário que eu ia te apresentar. O Sr. Barttoli teve um compromisso e achou melhor mandar seu filho, já que é ele quem vai comandar a escola de artes.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Barttoli. — Cumprimentei-o com um sorriso educado e um aperto de mão.

— Me chame apenas de Lorenzo, Sr. Julian.

Apenas corei envergonhado pela intimidade que ele havia me dado. Como esse homem pode ser tão lindo e encantador?

Fiquei um tempo apertando a mão de Lorenzo, até a voz de Vítor ser ouvida, chamando-nos para sentar. O jantar transcorreu bem e, ao final dele, Vítor me levou para casa.

Eu estava morto de cansaço, então apenas tomei um banho e apaguei.

— *Você quer? Esta é sua preferida, não é? — Ele segurava algo próximo a meu rosto, que, pelo cheiro inconfundível de manjerição e tomate que entrava por minhas vias respiratórias, parecia ser pizza. Eu não a enxergava, pois meu sequestrador havia me vendado para que eu não o visse sem máscara.*

— *Você sabe que a resposta é sim para as duas perguntas.*
— *Minha voz saiu fraca e arrastada, pois há dois dias que ele não me alimentava.*

— *Que pena, acabou. — Senti-o afastar-se e então barulhos de mastigação puderam ser ouvidos. Minha barriga roncou e meus olhos se encheram de água. Já estava à beira de um desmaio.*

— *Por favor, me mate logo. Eu não suporto mais. — A essa altura do campeonato, eu já me encontrava soluçando compulsivamente. Minha mente estava embaralhada. Senti braços fortes me rodeando e uma mão afagando meus cabelos.*

— *Calma, anjo, você sabe que eu só estou te punindo porque você me desobedeceu e tentou fugir. Eu te amo e nunca te mataria.*

— *Você é um cretino louco. — Sussurrei para ele.*

— *E você é o amor da minha vida — Foi a última coisa que escutei antes de sentir uma forte tontura e desmaiar.*

Acordei em um pulo e chorei novamente. Eu já estava me acostumando com essa angustiante e cansativa rotina.

Há quase dois meses que havia me aproximado de Lorenzo. No começo, meus interesses eram apenas de trabalho, mas com o passar do tempo, ele havia me mostrado ser alguém tão atencioso e divertido que me chamou atenção. Eu me via cada vez mais fascinado. Lorenzo era tão diferente *dele*. Daquele ser que até hoje eu desconhecía o rosto. Nesse meio tempo, meus pesadelos só vinham aumentando e eu já não sabia mais o que fazer.

O relógio marcava três horas da manhã. Levantei e fui até a cozinha esquentar um pouco de leite; sempre me ajudava a dormir novamente. Estava com preguiça de acender a lâmpada. Então, apenas caminhei até a geladeira. A cozinha não estava tão escura, visto que a luz da lua atravessava a grande janela em cima da pia. Enquanto me abaixava para pegar a garrafa do leite, ouvi uma voz grave que me fez paralisar:

— Olá, anjo!

Arregalei os olhos e virei rapidamente, mas, no processo, deixei cair a garrafa que estava em minha mão, quebrando-a e espalhando leite em abundância pelo chão. Quando olhei novamente para frente, lá estava o dono de meus piores pesadelos. Ele trajava roupas pretas com uma touca e uma máscara cirúrgica. Fiquei paralisado e esperando suas próximas ações.

— Não tenha medo, pois não irei te machucar. Estava apenas com saudades.

— Foi o que você me disse dez meses atrás e eu quase morri de desnutrição e desidratação, fora os hematomas nos pulsos e tornozelos. Não acredito mais em você!

— Você tentou fugir de mim, e eu disse para nunca me dizer adeus. Você me desobedeceu, e eu te puni. Só isso. — Ele pausou sua fala e deu um passo para frente. — Mas eu não vim aqui relembrar o passado.

Nesse momento, eu tentei correr, mas o leite foi comparsa. Cacos de vidro entraram em meu pé e minha cabeça foi de encontro ao chão, deixando-me tonto. Eu estava mole e não conseguia me mexer, somente podia sentir seus braços nas minhas pernas e costas. Ele me carregava como se fosse uma noiva para fora da minha casa. Eu não queria, mas

eu acabei apagando em seus braços por conta da pancada e do cansaço.

Acordei, porém não queria abrir os olhos. O travesseiro macio me convidava a ficar mais tempo na cama; eu não estava raciocinando direito ainda. Passei a ouvir barulhos de gritos e levantei-me assustado. Era a voz suave, porém forte, do cara por quem eu estava apaixonado.

— Lorenzo? — Despertei imediatamente e me dei conta que não estava em meu quarto. Apesar de não estar acorrentado, a porta estava trancada.

Finalmente, fez-se silêncio. Eu comecei a bater na porta, mas não adiantou. Passei a gritar por alguém. Uma voz, que eu conhecia muito bem, chamou-me:

— Julian?! O que você está fazendo aqui?! — Lorenzo respondeu.

Segui até a parede. Ali havia uma brecha por onde a voz passava, e me agachei. Eu estava tão triste por ter envolvido em minha vida complicada alguém que eu gostava tanto.

— Me desculpa por isso, Lorenzo. Ele é louco e está obcecado por mim.

— Não se culpe, Julian. Eu me aproximei de você porque quis e prometo que vou nos salvar desse psicopata.

— Obrigado. — Agradei, pois, apesar de tudo, estava feliz por ele estar ali, mesmo com uma parede nos separando.

— Pelo quê? — A dúvida era evidente em sua voz.

— Por não me abandonar. Outro, em seu lugar, ficaria com raiva de mim e nem falaria comigo.

— Você se lembra do que eu te falei naquele dia? Você é muito importante para mim.

— Sim, eu sei... — Sussurrei.

— Eu não posso nem tentar escapar, pois você é tão doce, que eu estou embriagado em você.

— Lorenzo... — Tentei falar algo, mas ele me interrompeu.

— Eu me apaixonei por você, Julian. Não sei se sente o mesmo, mas eu não podia mais esconder. Quando escaparmos daqui, queria que você me desse uma chance de conquistá-lo.

— Eu... — Quando ia respondê-lo, ouvi os passos de meu carrasco se aproximando da porta. Enquanto ele a destrancava, corri rapidamente de volta para cama.

Meu pé e minha cabeça ainda estavam doloridos da queda. Não fui rápido o bastante e acabei sendo pego no flagra.

— Vejo que já descobriu nosso novo hóspede. — Ele foi sarcástico.

— Por favor, não faça nada com ele. — Implorei.

— Isso só depende de ti, anjo. Se você se comportar, ele não se machuca. — Riu minimamente.

— Você é um monstro! — Gritei irritado em sua direção.

— Que feio! Não é falando assim comigo que você vai proteger seu amiguinho. Só vim aqui ver se estava bem. Depois, trago seu almoço.

Ele se virou e foi embora, deixando-me trancado. Voltei correndo para a parede, no intuito de tentar falar com Lorenzo novamente, porém ninguém me respondeu. Desesperei-me, pois não tinha nada que eu pudesse fazer trancafiado naquele maldito quarto. A sensação de impotência me dominou; eu voltei para a cama, desabando-me em lágrimas até adormecer mais uma vez. Meu emocional estava esgotado. Eu chorava por tudo. Sentia-me fraco e triste.

Três dias passaram desde que voltei para essa prisão. E, para piorar, não consegui falar com Lorenzo. Eu o chamava, mas ninguém respondia do outro lado.

— Lorenzo, você está aí? Por favor, me responda. — Tentei mais uma vez, contudo, não foi possível ouvir um mísero ruído. Mesmo assim, continuei. — Eu não sei se você está me escutando, mas me desculpe por tudo isso. Sei que só te trouxe problemas e sinto muito. Apesar de tudo, você ainda diz que me ama e está aqui por mim. Eu não mereço alguém como você, mas eu sou tão egoísta ao ponto de não querer te deixar ir. — Fiz uma pausa para respirar. — Há três dias, você me pediu para que eu o deixasse me conquistar, mas você não precisa conquistar aquilo que já conquistou. Eu só queria te dizer que também amo você, Lorenzo. Por favor, me diz que você está bem e que a gente vai poder sair daqui juntos e ser felizes. Por favor!

Abaixei a cabeça e comecei a chorar baixinho. O silêncio sepulcral cortava meu coração enquanto as lágrimas teimavam em cair. Minha mente me traía, imaginando mil e uma formas daquele monstro ter matado o Lorenzo. Só se podia ouvir meus soluços naquele quarto, até que uma voz suave e um pouco fraca, quase como um gemido, chamou-me:

— Julian... — Abaixei-me rapidamente em direção à fenda na parede, esperando que aquela voz não fosse apenas uma alucinação.

— Lorenzo, é você mesmo? Por que não me respondeu antes? O que aconteceu? — Bombardeei-o com perguntas.

— Fique tranquilo, Ju. — Eu amava esse apelido que ele havia me dado. Era tão doce e gentil. — Eu estou bem. Ele só me trocou de quarto, dizendo que eu estava muito próximo de você.

— É tão bom te ouvir de novo, Lorenzo. Eu fiquei tão preocupado e com tanta saudade.

— Eu também. Nem imagina o quanto.

— Você ouviu alguma coisa do que eu falei antes?

— Sim, cada palavra. — Senti minhas bochechas esquentarem, então ele continuou. — Eu estou tão feliz que você me correspondeu, já estava pensando em mil e uma maneiras de te conquistar quando sairmos daqui.

Não consegui evitar um sorriso fraco.

— Se sairmos. — Meu otimismo não era dos melhores nessa situação.

— Não fale assim. Sairemos antes do que você imagina.

— Como? — Eu continuava sem esperanças.

— Você verá, Ju.

E eu realmente vi. Alguns dias depois de nossa conversa, Lorenzo apareceu na porta do quarto em que eu estava preso. Fiquei chocado com sua aparência, ele estava com hematomas no rosto e mancando levemente.

— Lorenzo, o que aconteceu com você? — Perguntei preocupado.

— Não tenho tempo de te explicar. Aquele maníaco saiu e esqueceu minha porta aberta. É a nossa chance de nos livrar dele.

Sorri abertamente e corri em sua direção, jogando-me em seus braços e provocando um gemido da parte dele por causa dos machucados.

— Me desculpe. — afastei-me meio envergonhado por tê-lo machucado.

— Não tem problema, meu amor.

Sorriu e me puxou de volta para perto dele. A pressão

feita por seus lábios amoleceu meus joelhos. Lorenzo passou seus braços por minhas costas e segurou firme em minha cintura. O beijo foi calmo, mas o suficiente...

Após isso, corremos em direção à saída, mas foi um pouco desesperador, já que não podíamos ir tão rápido. Ele estava todo machucado, e meu pé ainda estava cortado.

Quando finalmente chegamos até a porta, eu estava tão afoito que não percebi o Lorenzo parado logo atrás de mim. Bufei quando tentei abrir pela terceira vez e ouvi a voz calma de Lorenzo perguntar:

— Procurando por isso, anjo?

Virei-me rapidamente e vi sua expressão calma enquanto a chave da porta repousava em sua mão. Eu arregalei os olhos, ficando paralisado e trêmulo.

Isso não pode ser real. Não podia ser ele. Não. Eu não tinha me apaixonado pelo mesmo homem que arruinou minha vida.

— Não, não pode ser você.

— Sim, sou eu. Não imagina o quanto foi fácil me aproximar daquele seu amigo e enrolá-lo com poucas palavras. A parte difícil foi achar alguém que pudesse se passar por mim enquanto eu me fingi de sequestrado, mas nada que uma boa grana não resolvesse. — Cada palavra que saía de sua boca era uma facada em meu coração. — Tudo isso para me aproximar de você. Eu te avisei, não avisei? Você nunca irá me deixar.

— Não, não, não. — Eu já chorava de soluçar. Estava mais machucado do que quando ele me sequestrou pela primeira vez. O mais desesperador é que eu não chorava por ter sido enganado e sequestrado de novo, mas sim porque tinha

me apaixonado por ele, porque o amava, apesar de tudo. E, por mais que ele tivesse me machucado, eu não conseguia sentir raiva dele.

Lorenzo iria falar mais alguma coisa, mas fomos interrompidos por batidas bruscas na porta e uma voz conhecida. Era Vítor. De novo o meu amigo estava ali para me salvar, mas o pior é que eu não queria ir.

Eu havia me apaixonado pelo cara que me sequestrou e que me fez tanto mal. Como uma coisa dessas pôde acontecer?

No entanto, por puro susto, acabei gritando o nome de meu amigo. Lorenzo arregalou os olhos e me puxou. Fui de encontro a seu peito quando um estrondo alto foi ouvido: a porta tinha sido arrombada.

— O que significa isso? — A expressão de Vítor era um misto de descrença e fúria. Ele estava parado na entrada do local.

Senti Lorenzo me virar de encontro a seu corpo e encostar algo em minhas costas, proferindo em seu tão conhecido tom frio:

— Se der um passo, ele morre.

Vítor ficou estático em seu lugar.

— Por favor, não precisa disso. Eu ficarei com você. — Falei para Lorenzo com um tom de voz chorosa e me virei em direção a Vítor, enquanto o sequestrador tirava a arma de meu corpo lentamente, baixando sua guarda.

Os próximos segundos que se sucederam foram muito rápidos. Apenas senti as mãos de Vítor me puxarem, fazendo-me tropeçar, e um som de disparo ser ouvido.

Minha vista escureceu um pouco. Sentia uma queimação seguida de dor em meu peito. As mãos de Vítor

me abandonaram e então olhei para Lorenzo, que estava com os olhos arregalados e cheios de lágrimas.

Minhas pernas fraquejaram e, antes que meus joelhos atingissem o chão, fui sustentado por Lorenzo, que me fitava inconsolável. Ele foi me deitando suavemente, segurando meu tronco contra seu peitoral enquanto suas lágrimas molhavam meu rosto. Ele não pareceu se importar com o fato de que, em alguns minutos, a polícia chegaria.

— Eu disse que você nunca me deixaria, então, por favor, não me diga adeus.

— Lorenzo... — Sussurrei fraco seu nome e afaguei seu rosto, que acabou sujando com meu sangue.

— Você é tudo para mim, tudo que ainda me resta. Não se vá!

Então, ele me beijou, com mais urgência do que antes, como se estivesse tentando dar sua vida para mim. Dessa vez, o beijo era metálico, de lágrimas e sangue; amargo, de despedida.

— Espere por mim, anjo.

Eu já perdia a consciência, mas, antes de tudo escurecer, ouvi o barulho de um tiro, sentindo um corpo forte cair sobre o meu, com aquele típico cheiro de baunilha e canela, que nunca me abandonou.

Clarice por uma Noite

É inspirado em fatos reais, acrescidos de um pouco de magia. Conta a história de uma menina encantadora e muito batalhadora que conquista o coração de todos os rapazes da redondeza, mas só um conquista o seu coração, Londe. Logo após conhecê-lo, começa o suspense da vida de Clarice, que teve o amor interrompido por uma tragédia.

CLARICE POR UMA NOITE

Alexandra Marcelino Silva

Quando pequena, Clarice era muito pobre e não tinha muitas roupas para se vestir, suas sandálias, de tão gastas, eram remendadas com pregos. Seus irmãos, Junior e Abigail, amavam-na e tinham o mesmo sonho de sair daquela vida e crescer com tudo que tinham direito.

Tempos depois, os sonhos começaram a se realizar. Junior passou um tempo no exército e, quando saiu, conseguiu um emprego que pagava muito bem, mas ainda não era o suficiente para ele. Clarice conseguiu entrar em um instituto técnico e, para ela, aquilo era apenas o começo.

Ao completar 16 anos, ela desenvolveu uma bela aparência. Era sempre invejada por todas as moças e os rapazes suspiravam ao olhá-la, porém ela não queria se envolver com ninguém.

Certo dia, ao chegar do colégio, Clarice recebeu a notícia de que teria que se mudar urgentemente do lugar onde morava. Um tempo após chegar ao outro bairro, a bela garota começou a chamar a atenção dos rapazes que, como sempre, admiravam sua beleza. Ela pensava que já conhecia todos os garotos da redondeza, mas enganou-se, pois havia um moço que também a admirava, porém nunca se aproximou dela, Londe.

Em uma tarde, ao sair da escola, a jovem foi convidada pela irmã de seu admirador secreto a ir a sua casa. Ao chegar lá, a moça se espantou ao vê-lo. Não conhecia esse rapaz, nunca havia o visto pela vizinhança.

Ele tinha uma aparência pálida, sua voz era muito grave, seus olhos brilhavam bastante. O estranho rapaz ficou muito nervoso ao vê-la, eles se cumprimentaram e ela logo voltou para sua casa.

No dia seguinte, um garotinho chega à porta de Clarice trazendo uma carta. Nela, havia dois bonecos abraçados, o grafite no papel brilhava como as estrelas. No fim da carta, estava assinado: “Um admirador secreto”. A menina suspirava ao olhar para carta e imaginava quem teria mandado aquele belo desenho.

A sua rotina continuou a mesma, até que, no outro dia, ela recebeu um bilhete. Nele, havia um símbolo de coração e flecha e, no fim, estava assinado: “Londe”. Ela se espantou ao descobrir quem estava mandando as cartas e bilhetes de amor e logo foi à casa dele.

Ao chegar lá, Clarice bate na porta e, ao ser atendida pela irmã dele, pergunta:

— Londe está?

Com o semblante banhado em dúvida, a moça que residia na casa responde com outra pergunta:

— Quem é Londe?

Ainda sem entender a situação, Clarice tenta explicar:

— Seu irmão, aquele que você me apresentou naquele dia.

— Que dia? Não conheço nenhum Londe, eu sou filha única!

Já sem paciência, a moça na porta chamou o pai para que ele explicasse tudo.

— Olha, moça, eu nunca tive um filho com esse nome, eu saberia se tivesse, pode ter certeza.

O homem explicou para Clarice, que, desesperada, volta para casa em busca das cartas. Quando chega ao seu quarto, vai até o local onde guardou os envelopes e vê, em volta deles, vagalumes, que logo somem; ao abrir as cartas, não havia nada escrito ou desenhado nelas.

Naquele momento o mundo pareceu girar mais devagar e uma voz chamou: “Alexandra, Alexandra”

Ela começou a gritar e se mexer desesperadamente, os sussurros foram aumentando até se tornarem gritos e ela acordou em sua cama, com sua mãe a chacoalhando:

— Calma filha, foi só um pesadelo, quer me contar o que aconteceu?

— Mãe, eu tive um sonho muito louco, eu me chamava Clarice e tinha um admirador secreto que não existia.

A mãe dela ri e diz:

— Alexandra, eu nunca imaginei ter uma filha chamada Clarice.

Alexandra também ri, elas se despedem e sua mãe sai do quarto. Como de costume, ela se levanta, vai até o banheiro e toma um banho. Quando voltou para se trocar, percebeu que havia vagalumes em volta do quarto. Eles se juntaram em cima de seu criado-mudo, se fundiram e se transformaram em uma carta.

Ela, encantada com tudo aquilo, foi até a carta e, ao olhá-la, se espantou. Ela estava assinada por Londe. Nela, ele dizia para ir até o lugar mais baixo da casa. O único lugar que Alexandra conseguiu pensar foi o porão.

Chegando lá, viu vários vagalumes concentrados num canto do porão. Ela se aproximou e, por causa da forte luz emitida pelos vagalumes, percebeu que existia um alçapão ali.

Dentro dele, havia vários jornais de 1801 com a seguinte notícia: “Menina esquizofrênica morre”. Lendo a matéria, Alexandra descobre que a menina, Clarice, dizia ser namorada de um garoto chamado Londe, mas ninguém havia visto esse menino antes. Na época, a garota invadiu a casa da suposta família dele e foi morta quando tentou atacar quem ela dizia ser a irmã de Londe.

Alexandra continuou olhando as coisas no alçapão e viu uma faca com sangue seco e logo desmaiou. Então começou a sonhar novamente.

— Clarice, o que você tá fazendo aqui?! — Diz a irmã de Londe com raiva.

— Eu vim atrás do meu amado. Eu SEI que ele existe.

— Você é tão irritante. Ele existiu sim, eu matei ele, você não entenderia...

— O que?!

A irmã pega uma faca e a golpeia na barriga.

Alexandra acordou desesperada. Ela percebeu que os vagalumes estavam se juntando novamente, dessa vez eles se transformaram numa menina, Clarice. Ela disse uma única palavra e desaparece:

— Obrigada.

12 de Dezembro

É uma obra inspirada por Deus e por uma conversa de *WhatsApp*, segundo contam seus autores em entrevista. A partir disso, entre várias mensagens e sugestões engraçadas, o conto nasceu. Azel é uma adolescente de quase 17 anos que vive, come, respira e transpira azar. Para ela, caloura na faculdade, não é nada fácil viver assim. Entretanto, em um belíssimo dia, a garota se depara com um velho diário de sua mãe. E sabe o melhor de tudo? Talvez as respostas que a jovem estudante sempre quis estejam ali. Será que existe fórmula para dar fim ao azar? Será que seu azar irá estragar tudo ou a sorte aparecerá quando menos se espera?

12 DE DEZEMBRO

Jeffesson Gomes de Almeida

Lucas Duarte da Costa

Maria Eduarda Alcântara da Silva

Semaias Rangel de Oliveira Machado

Prazer, eu sou a Azel e eu tenho uma vida muito estranha e, sem dúvidas, azarada. Nunca conheci uma pessoa mais azarada que eu.

Ontem, quando eu saía do salão, parei em uma sorveteria para comprar um milkshake de chocolate. Agora você deve estar pensando: “Ela pegou o milkshake e deixou cair tudo no chão”. Não foi isso o que aconteceu. Fique tranquilo. Na verdade, tomei a minha bebida, digamos, um milímetro do conteúdo que havia dentro do copo de plástico. Pois, ao sair da sorveteria, me deparei com uma construção vizinha, a loja Chique Bem, que se localiza a dois quarteirões da minha casa. Isso, eu estava muito próxima do meu porto seguro (se é que existe porto seguro para mim).

Passei em frente a construção, parecia ser um mini shopping com grandes fachadas de vidro. Muito calmamente, beberiquei meu delicioso milkshake e desfilei como uma modelo em uma passarela, quando um balde de tinta preta caiu em minha cabeça, sujando-me toda e fazendo meu *milkshake* se transformar em um “milk tinta”. Não é surpresa acontecer acidentes comigo, na verdade, é muito natural. Tanto que minha mãe já me espera em casa com a maleta de primeiros socorros em mãos.

Hoje, por exemplo, é o baile de formatura e não estou nem um pouco animada. Ao contrário dos meus pais, que estavam saltitando de alegria por estar formando a única filha.

Quando eles descobriram que fui aprovada para o curso de engenharia civil, fizeram questão de chamar toda a família para festejar. No mínimo, eu quebrei cinco pratos e dois copos tentando servir meus familiares, além de manchar toda a calça do meu primo com molho de tomate.

Pela manhã, tive que comparecer à escola para terminar com os últimos detalhes dos comes e bebes da festa. Apesar de possuir um grande talento chamado azar, isso não interferiu na escolha dos meus colegas em me nomear a oradora da turma.

Entretanto, uma pessoa da secretaria, ao conhecer meu poder de estragar tudo, passou a me supervisionar sempre que fazia algo relacionado a formatura. Pelo menos, isso poupou a vida de cinco vasos de flores e toda a decoração, pois em um belo dia deixei cair um isqueiro em uma folha e se não fosse a jovial senhora, que sempre foi a salvadora dos meus desastres, o cenário teria queimado todo.

Após finalizar os últimos ajustes, pude voltar à minha humilde residência e me deparar com minha mãe admirando meu vestido. Definitivamente, escolher esse vestido foi desgastante, porque depois que estraguei o primeiro (pisei sem querer, caí e ele rasgou todo), minha mãe, como um castigo, resolveu escolher outro vestido, do gosto dela. O que eu achei totalmente um absurdo. Odeio rosa e, só para me provocar, ela escolheu um vestido dessa cor!

Subi para meu quarto, não suportava observar aquela cena. Sem falar que ela quer que o Vincent me acompanhe hoje

à noite. Não há coisa pior do que aturar um garoto que tem uma paixão platônica por você desde os cinco anos de idade. Aquele menino é insistente e inconveniente, porque ele sabe muito bem que meu sentimento não é recíproco. Já não basta ser azarada, minha mãe tem que resolver me castigar por algo que é da minha natureza, pois se há outra explicação para isso eu não sei da existência. Muitas vezes ela pensa que eu tenho 5 anos. E não 17.

Decidi ir ao sótão buscar algumas máscaras para ir ao baile da formatura. Minha mãe as guardava desde sua época de adolescência. Ela disse que encantou muito o meu pai com esse acessório. Não que eu queira conquistar alguém (mas não seria nada mal). Meu único interesse realmente era buscar alguma coisa bonita para usar.

Mas não foram as máscaras, nem a mobília do sótão, nem a poeira presente ali que me chamou a atenção. E sim um livro muito antigo que estava em cima de um guarda-roupa velho. Peguei uma cadeira que estava por ali, subi e o peguei. Foi um milagre não ter batido com o meu dedo mindinho e nem ter caído da cadeira. Em dias normais, teria derrubado o velho entulho no chão, mas esse não era um dia normal.

Passei a mão no livro que, pela aparência, tinha uns vinte anos. E me surpreendi com o que vi. A capa tinha o título de “Diário da Abby” e isso queria dizer que minha mãe também possuía um diário. A curiosidade falou mais alto e logo estava lendo algumas páginas do que ela escreveu quando tinha minha idade. Algumas folhas continham histórias que aconteceram com ela e suas amigas. E outras das notas baixas que ela escondia dos meus avós (que danadinha). Algumas diziam o quanto ela já era apaixonada pelo meu pai. Mas,

quando iniciei a leitura do dia 11 de abril, quase caí no chão com o que descobri. Eu finalmente solucionaria o problema?

O texto contava o quanto uma garota que estudava com meus pais sentia inveja da relação deles. Pelo que eu entendi, a suposta menina queria namorar o meu pai, mas ele era completamente apaixonado pela minha mãe e não a deixou por nada (estão juntos até hoje). Houveram muitas tentativas falhas de separá-los, ela não desistia nunca. Minha mãe conta detalhadamente no diário como a garota, ainda sem nome, não obteve sucesso e pregou uma peça no destino dos meus genitores. Ela escreveu:

“[...]Hillary chegou perto da gente e gritou: ‘Eu odeio você, Christian! Isso não vai ficar assim.’ Ela sorriu sarcasticamente naquele momento e pegou no meu queixo: ‘Se vocês algum dia tiverem um filho, ele será tão azarado, mais tão azarado, que será incapaz de sentir qualquer felicidade’ [...]”

Quando acabei de ler esse parágrafo crucial para a minha vida, senti arrepios. Eu sabia muito bem que aquela megera garota, algum tipo de feiticeira, tinha me amaldiçoado. Não havia outra explicação para esse excesso de azar. A tal da Hilary era uma bruxa, literalmente, e eu não sabia se havia como reverter isso.

Um calafrio subiu pela minha espinha, decidi sair daquele lugar e levar o livro comigo. Sentei-me na cama e decidi retornar à leitura do diário da minha mãe, na esperança de achar algo importante. Li mais algumas coisas sobre pesquisas em relação a tal da Hilary. E adivinha? A bruxa má realmente era uma bruxa.

Segundo o diário da minha mãe, a garota possuía alguns poderes mágicos e pertencia a uma linhagem de bruxas (e eu pensando que isso não existia). Mais à frente, ela discorreu

um pouco da biografia da Hilary. E a todo momento a garota invejosa era xingada.

Finalmente, achei algo extremamente importante. Quando comecei a ler, meu coração disparou e minhas pernas ficaram bambas (será realmente isso?). Exatamente na página 101, dizia a forma de como quebrar o feitiço do azar. Eu não respirava mais ar, eu respirava alegria de tamanha felicidade que estava. Mas, para minha infelicidade, quando saltei de alegria bati minha cabeça na prateleira que havia no meu quarto e um pequeno pote de tinta caiu na receita para quebrar o feitiço.

Por sorte (não que eu tenha isso), consegui retirar uma grande parte da tinta e conseguia ler com clareza a primeira parte do texto. O problema é que, justamente as palavras que completavam o raciocínio, estavam totalmente borradas pela tinta.

“Para quebrar o feitiço do azar, você precisa fazer uma boa ação [...], sem se machucar. Somente assim, você será feliz.” Eu joguei o livro na parede de tanta raiva. Mas, ao fazer isso, uma folha caiu de dentro do livro. Levantei-me e a li. Para meu total desespero, era uma observação. Na qual dizia: “O feitiço só poderá ser quebrado até os 17 anos.” Eu faço aniversário amanhã, ou seja, eu só tenho até às 23:59 desta noite. Saí em disparada.

Eu precisava encontrar minha mãe o mais rápido possível. Mas a única pessoa que eu achei foi o meu pai. E ele disse que houve uma urgência no hospital onde ela trabalha e que ela havia deixado o celular em casa. Me desesperiei. Como quebraria esse feitiço até o final do dia de hoje?

Já havia passado das 20h e minha mãe nem sinal de vida tinha dado. Meu pai só não foi procurá-la porque estava

esperando o Vincent me buscar. Estava pronta, com o vestido rosa (até que ele combinou com meus cabelos negros e minha pele branca). Quando o meu acompanhante chegou, meu pai fez questão de tirar fotos nossas, mas eu não pensava em nada mais, só pensava que seria azarada para sempre.

O Vincent estava até bonitinho, com um terno preto e o cabelo loiro com gel não deixando escapar um fio. Chegamos ao baile pontualmente no horário, e como sou da comissão organizadora, além de ser a oradora, precisei deixar meu acompanhante um pouco só. Mas a todo momento eu só conseguia pensar naquela frase. “Para quebrar o feitiço do azar, você precisa fazer uma boa ação [...], sem se machucar. Somente assim, você será feliz.” (mas que boa ação eu faria e com o quê? E o pior, sem me machucar? Isso nunca dará certo).

E quando olhei para o Vincent, que sorriu para mim, foi como se uma luz tivesse acendido em cima da minha cabeça como nos desenhos animados. Isso, eu faria uma boa ação com o Vincent. Será que beijá-lo seria uma boa ação?. Eu não saberia se eu não tentasse. Decidida, saí em direção ao garoto que quase sempre foi apaixonado por mim. Apesar de sermos próximos, nunca nos beijamos, até porque sempre o vi apenas como um amigo. Eu sei que isso seria muito injusto da minha parte, pois estaria brincando com os sentimentos dele. Mas é uma questão de vida ou morte. Espero que algum dia ele me entenda.

Puxei-o pelo braço para a pista de dança e embalamos no ritmo da música lenta. Sem pensar duas vezes, cobri seus lábios com os meus. No momento, ele ficou surpreso, mas retribuiu sem hesitar. Me desvencilhei dos seus braços, parecia que tinha funcionado. Mas só parecia. Dois segundos depois, um garoto, acidentalmente, derramou ponche em

meu vestido. Na tentativa de limpar minha roupa, bati no garçom que levava petiscos em uma bandeja, que por sua vez caiu em cima de uma mesa atirando comida para todo lado.

Mas isso não foi nem o começo, pois quando me levantei do chão (um lugar já bem conhecido por mim), por alguma força do meu azar, um lustre que havia no salão de festas começou a balançar ameaçando cair. O pior nem tinha sido isso, foi perceber que, pela primeira vez, eu me machucaria seriamente ou até levaria a morte uma pessoa por causa do meu azar.

Como em câmera lenta, corri em direção a um garoto que estava embaixo do lustre e não havia percebido que ele ameaçava cair. Dei quatro passos largos e pulei em cima do garoto, que até aquele momento era desconhecido para mim. O lustre caiu a centímetros de onde estávamos. Quando levantei minha cabeça (eu caí por cima do garoto) não pude acreditar no que via. Passei as mãos nos meus olhos na tentativa de me certificar que não estava sonhando. Pisquei os olhos várias vezes e aquela boca linda sorriu para mim. Eu realmente não estava sonhando.

– Dylan! – Exclamei para o amor da minha vida. Pois é, foi isso mesmo que você acabou de ler. O amor da minha vida. Eu nunca gostei de falar para ninguém essa parte da minha vida porque ela não costumava ser bonita.

Eu conheci o Dylan quando tinha 15 anos. Nós nos aproximamos muito rápido, viramos quase melhores amigos. Mas nós dois sabíamos que nosso amor era mais forte que isso. E não demorou muito para começarmos um relacionamento amoroso, que deu muito certo, éramos completamente apaixonados um pelo outro.

Nossa história foi muito bonita, mas acabou (como tudo de bom na minha vida). Ele teve que se mudar para fora do país

junto com o seu pai. E só teve coragem de me contar por telefone, quando já estava lá. Eu chorei por meses.

– O que você faz aqui? – Perguntei com um leve sorriso nos lábios.

– Eu senti saudades. Eu não podia? – Perguntou sorrindo (que saudades desse sorriso).

– Você devia. – Colei meus lábios nos lábios do amor da minha vida. Meu verdadeiro amor.

E foi assim que minha maldição acabou. Não encontrei minha mãe naquele dia, só a vi no dia seguinte (se fosse depender da senhora, mãe). Depois da minha boa ação para o grande amor da minha vida, não tive mais azar. Não preciso andar mais com medo de algo cair em minha cabeça, ou tropeçar em algo e levar alguém junto. E também não preciso que minha mãe fique com um kit de primeiros socorros sempre em mãos.

“Para quebrar o feitiço do azar, você precisa fazer uma boa ação para o grande amor da sua vida, sem se machucar. Somente assim, você será feliz”. Assim, ficamos juntos novamente e posso dizer que sou feliz. Não sou mais azarada e estou junta do Dylan. Felicidade maior não existe.

O fim da noite do baile de formatura, como terminou? O Dylan me levou para ver as estrelas como sempre fazíamos. Descobri que ele voltou porque seu pai faleceu e como só estava lá por causa dele, resolveu voltar.

– Eu nunca te esqueci, sempre pensava no dia da minha volta. Sempre pensava no dia em que te pediria em casamento.

– Casamento?

Acho que não processei bem essa informação e acabei desmaiando.

E foi assim, querido diário, que finalizou o dia 12 de dezembro.

A Aposta do Coração

É um conto dramático, criado para prender a atenção do leitor. Como adoramos assistir séries e ler todo o tipo de gênero, baseamo-nos no triângulo amoroso de *The Vampires Diaries*¹ e em algumas *fanfics* lidas no aplicativo *Wattpad*, além de fazermos um intertexto com o conto *Desenredo*², do autor Guimarães Rosa. O conto, intitulado *Aposta do Coração*, relata a história de Bia, que acabou de ganhar uma bolsa de estudos em uma das melhores escolas de sua cidade, o que a deixou mais confiante e se sentindo capaz de construir amizades e, enfim, conhecer um grande amor. Porém a vida é uma caixinha de surpresas e o dia a dia não é fácil para ninguém.

1 THE Vampire Diaries. Kevin Williamson & Julie Plec. The CW Network, 2009-2017.

2 ROSA, J. G. **Tutameia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

A APOSTA DO CORAÇÃO

Andreyra Fabyan de Oliveira Patricio

Antônio Herculano Alves de Araújo

Ester Barroso Faustino Gomes

Livia Maria Ferreira

Beatriz era uma bela garota que vivia em uma área de classe média da sua cidade. Apaixonada pela leitura, sonhava acordada com seu “príncipe encantado”.

Para as outras pessoas, Bia sempre parecia estar feliz, mas, a todo momento, procurava defeitos em si. Ela queria saber o que havia de errado com ela, afinal, não conseguia fazer amigos nem encontrar um amor. “Deve ser as roupas que uso ou o jeito que arrumo meu cabelo”, pensava. Era assim que levava sua vida.

Em um certo dia, ela descobriu que havia conseguido uma bolsa integral em uma das melhores escolas da sua cidade. Essa notícia animou tanto ela quanto seus pais. Beatriz estava decidida a fazer amigos e encontrar um amor em sua nova escola.

Passou-se um tempo e o primeiro dia de aula chegou. Houve a típica apresentação de professores a alunos e vice-versa. Beatriz foi a mais comentada entre todos, só ela não percebia o quanto era encantadora.

Já havia se passado uma semana e ela ainda não tinha feito nenhum amigo ou encontrado seu amor. Até que um garoto se aproximou dela na hora do lanche e começou a conversar:

— Olá! Qual é o seu nome?

— Me chamo Beatriz, e você? — Ela respondeu.

— Sou Fernando.

E assim eles começaram a conversar todos os dias no intervalo, durante três meses. O garoto estava no segundo ano do ensino médio, e ela no primeiro. Em um desses intervalos, Fernando lhe falou:

— Bia, preciso te dizer algo. — Ele a observava com o coração na mão. Afinal, não sabia como ela reagiria.

— Fala, Fê! Você está me deixando nervosa! — Bia respondeu com preocupação.

— Eu estou apaixonado por você, Bia! Eu só quero saber se sou correspondido.

O coração dela batia acelerado. Ela se sentia amada. Olhou para ele e disse:

— Não poderia existir um dia mais feliz do que esse, Fernando. Três meses atrás, quando falou comigo pela primeira vez, me perdi nos seus belos olhos azuis. Me apaixonei por você. Nem acredito que você sente o mesmo!

Eles se abraçaram e marcaram de se encontrar, à tarde, na praçinha próxima à escola. Às três horas, eles se encontraram, conversaram e se beijaram. Beatriz nunca havia ficado tão feliz...

No dia seguinte, as pessoas não paravam de olhá-la e de cochicharem sobre a pobre garota. Na hora do intervalo, uma das meninas, que costumava fazer trabalhos com Beatriz, disse:

— Bia, a escola toda sabe que você ficou com o Fernando. — Clara contou nervosa.

— Me conta isso direito, Clara. — Bia pediu.

— Ele gravou o momento das declarações e a hora em que vocês se beijaram. Mostrou para a galera toda do segundo

ano. Agora, estão fofocando sobre isso. Era uma aposta, Bia, ele te usou.

— Isso não pode estar acontecendo, Clara!

Bia começou a chorar, e Clara a abraçou. Ela enxugou as lágrimas e foi falar com Fernando. Assim que o viu, perguntou:

— Como você pôde?

— O que foi, Bia? Está tudo bem?

— Não, não está! Me diga o porquê, Fernando!

— Você sabe da aposta, não sabe?

— Sei! Eu quero que você me diga o motivo. O que eu te fiz de mau?

— Não foi culpa sua, Bia. Quando você chegou, todos os meninos “babaram” por você, mas, aparentemente, nenhum te interessou. Então, apostaram que quem conseguisse ficar com você teria “crédito” para andar com os populares. Eu aproveitei a oportunidade. Foi mal, Bia. Não quis te magoar.

— Você só fez isso porque queria ser popular? — A descrença inundou o coração da garota enquanto lágrimas rolavam soltas pelo seu rosto.

— Sim. Eu sempre fui o “nerd”, não o descolado. Só me procuravam quando precisavam de nota.

— Isso só pode ser algum tipo de brincadeira. Meu Deus, como isso aconteceu? Escuta, Fernando, nunca mais ouse falar comigo!

Bia saiu do local com pressa e foi em direção à saída da escola. Lágrimas não paravam de descer de seus olhos. Quando estava perto de sua casa, lembrou-se do seu material e resolveu mandar uma mensagem para Clara.

Com os olhos voltados para o celular, ela acabou esbarrando em um menino, que lhe perguntou se estava tudo bem.

Ela rapidamente respondeu que não. Assustada, Bia percebeu que o rapaz tinha boas intenções e aceitou a companhia até sua casa. Durante o percurso, eles conversaram:

— Bia, há seis meses, venho reparando em você, mas nunca tive coragem de me aproximar. Quando a vi chorando, meio que desesperada, não me segurei. Precisava ajudá-la.

— Nossa! Eu nunca o vi. Como você se chama? — Ela foi gostando da conversa e esquecendo, aos poucos, o que passou.

— Me chamo Miguel.

— Onde você estuda? — Bia estava cada vez mais interessada nele.

— Estudo em uma escola aqui perto. Como ela está em reforma, tenho esse dia de folga. Estou feliz por estar aqui, de verdade.

O coração de Bia estava em pedaços, mas aquela pequena conversa fez seu dia melhorar.

Passou-se um tempo e eles construíram uma relação de afeto e cuidado. Um sempre atencioso com o outro. No entanto, Beatriz nunca conseguiu esquecer o sentimento intenso por Fernando. Ela tentava esquecê-lo, mas seu coração dividia-se entre o fogo ardente por seu primeiro amor e o rapaz que a fazia se sentir amada.

Lembrava-se do erro de Fernando e se sentia culpada por ainda pensar nele. O que Beatriz não sabia é que, até agora, nenhum médico, cientista ou filósofo descobriu uma fórmula para entender as coisas do coração.

Do outro lado, Fernando se arrependeu do que fez à Beatriz e decidiu tentar se reaproximar da garota. Durante um intervalo, ele decidiu se sentar perto da menina e, mesmo se sentindo receosa

quanto às intenções dele, Beatriz decidiu dar uma nova chance à relação de amizade que meses atrás havia sido destruída.

Entretanto, Fernando continuava a insistir em reconquistá-la. Ele não desistia de tentar tê-la novamente. Mesmo sabendo da existência de Miguel, ele não parava de impressioná-la, dando presentes, fazendo declarações e mostrando mudanças em seu caráter.

Até que um dia, Miguel foi buscá-la na escola e visualizou uma cena que o deixou com o coração despedaçado. O garoto viu Beatriz aos beijos com Fernando e não soube o que fazer ou como reagir. Apenas queria sair de lá, pois não aguentava ver Beatriz, a garota pela qual estava profundamente apaixonado, traindo-o. Ele nunca esperou isso dela. Saiu do local, tentou se manter calmo.

Miguel esperou-a na porta de sua casa, com o olhar triste e cabisbaixo.

— Beatriz, eu vi. Fui buscá-la na escola e vi você aos beijos com seu ex, o mesmo que não a valorizou. Você não merece isso, Beatriz, merece alguém melhor. Pare de se contentar com migalhas! — Falou Miguel, com raiva, mas, ao mesmo tempo, triste tanto por ele quanto por ela.

— Miguel, desculpe-me. Eu... eu não sei como aconteceu! Passamos um tempo nos reaproximando como amigos, eu te falei. Eu não imaginei que chegaríamos a esse ponto. Desculpa. Você é um garoto incrível e merece alguém especial. Alguém totalmente livre para você, sem resquícios de outros relacionamentos. Eu não sei o que acontecerá entre mim e o Fernando, porque eu sinto algo forte por ele apesar de tudo o que ele fez, mas entre nós, não pode acontecer mais nada. Eu gosto de você, mas também gosto dele. Achei que o

esqueceria, mas me enganei. Estou dando um ponto final, não por ele ou por mim, mas por você. — Falou Beatriz, chorando.

— Bia, você é especial. É triste saber que você se prendeu às lembranças boas de um relacionamento que te fez mal. Ele apostou seu coração! Mas entendo sua decisão, porque, diferente dele, respeito e honro sua decisão como pessoa. Respeito você, amo você, mas seguirei com minha vida, e você com a sua. Espero que aprenda com seus erros. Adeus, Beatriz! Serei Feliz. — Miguel disse em tom de resignação.

Miguel, caminhando para sua casa, lembrou-se de algo, voltou, colocou a mão no bolso e falou:

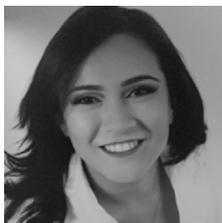
— Ah, Bia, isso é seu. Não faz sentido permanecer comigo!
— E entregou um anel para a garota.

Beatriz permaneceu calada, chocada demais para ter alguma reação. Sozinha, pensou nos dois garotos e entendeu que ninguém manda no coração. Podemos nos apaixonar por alguém incrível ou podemos nos apaixonar pela pessoa mais imprudente que há no mundo. O diferente das relações é a forma como valorizamos esse amor e como nos valorizamos dentro dele. Fernando magoou Beatriz, e mesmo encontrando alguém disposto a amá-la, seu coração ainda estava atado ao primeiro amor. Miguel, nobre até o fim, mostrou que a mansidão e a forma como tratamos as situações dizem muito sobre nós.

AS ORGANIZADORAS

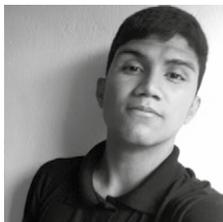


MAGDA RENATA MARQUES DINIZ possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, especialização em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa, mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua experiência profissional é na área de Ensino de Língua Portuguesa, Formação de Professores e Identidade Cultural, atuando no Ensino Médio Integrado e no Ensino Superior do IFRN.



THAYANNY KELINNY VASCONCELOS DE LIMA possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas e especialização em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua como Professora Substituta no Ensino Médio Integrado do IFRN.

OS AUTORES deste livro são todos estudantes do 4º ano, em 2019, do Curso Técnico Integrado em Informática no IFRN — *Campus* Canguaretama, que se apresentam a seguir.



AGEILSON DE HOLANDA SILVA



**GREYCE KELLY NASCIMENTO DA COSTA
MIRLAYNE LOPES DA COSTA
ANTÔNIO CIRILO DA SILVA NETO
AVYLLA ALOBENDNY BARRETO DE SOUZA
RAISSA MONTEIRO DA SILVA**



**AMANDA CAROLINE ALMEIDA QUEIROZ
MAYARA KAROLYNE DE LIMA SANTOS
HENRIQUE TARGINO DE LIMA
ANA PAULA SANTANA DE SOUZA
CLOTILDE GOMES MANGABEIRA**



**BRUNA MEDEIROS DOS SANTOS
LUIS FELIPE BEZERRIL DE LIMA
LAIS TAYANY DO NASCIMENTO SOARES
CLAUDIELLE SAMARA OLIVEIRA DE ALCANTARA**



**JOSÉ DAVI VIANA FRANCELINO
VIVIANNY CAROLINE FÉLIX BEZERRA
NATÁLIA CRISTINA TERTULIANO MELO
LARISSA ANDRESSA PEREIRA SILVA**



MAELI LIBNIELLY SERAFIM DOS SANTOS



ALEXANDRA MARCELINO SILVA



**MILENNA NUNES MARINHO
MEIRI AMALIA RODRIGUES**



**LUCAS DUARTE DA COSTA
JEFFESSON GOMES DE ALMEIDA
MARIA EDUARDA ALCÂNTARA DA SILVA
SEMAIAS RANGEL DE OLIVEIRA MACHADO**



**ANDREYNA FABYAN DE OLIVEIRA PATRICIO
ANTÔNIO HERCULANO ALVES DE ARAÚJO
LÍVIA MARIA FERREIRA
ESTER BARROSO FAUSTINO GOMES**



Em mais de 12 anos de história, a Editora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) já publicou livros em todas as áreas do conhecimento, ultrapassando a marca de 150 títulos. Atualmente, a edição de suas obras está direcionada a cinco linhas editoriais, quais sejam: acadêmica, técnico-científica, de apoio didático-pedagógico, artístico-literária ou cultural potiguar.

Ao articular-se à função social do IFRN, a Editora destaca seu compromisso com a formação humana integral, o exercício da cidadania, a produção e a socialização do conhecimento.

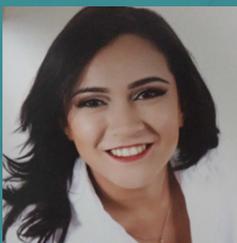
Nesse sentido, a EDITORA IFRN visa promover a publicação da produção de servidores e estudantes deste Instituto, bem como da comunidade externa, nas várias áreas do saber, abrangendo edição, difusão e distribuição dos seus produtos editoriais, buscando, sempre, consolidar a sua política editorial, que prioriza a qualidade.





MAGDA RENATA MARQUES DINIZ

possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas, especialização em Ensino/Aprendizagem de Língua Portuguesa, mestrado e doutorado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Sua experiência profissional é na área de Ensino de Língua Portuguesa, Formação de Professores e Identidade Cultural, atuando no Ensino Médio Integrado e no Ensino Superior do IFRN.



**THAYANNY KELINNY
VASCONCELOS DE LIMA**

possui graduação em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas e especialização em Fundamentos Linguísticos para o Ensino da Leitura e da Escrita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atua como Professora Substituta no Ensino Médio Integrado do IFRN.



(EU) CONTO EM LIVRO é uma coletânea de textos produzidos pelos alunos do 2º ano, em 2017, do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) – *Campus Canguaretama*, que decidiram escrever, em formato de contos, algumas histórias inspiradas, especialmente, em suas leituras literárias e em suas vivências na comunidade.

Dividido em três capítulos, o leitor vai se deparar com um universo recheado de castelos e princesas, tão conhecido por muitos, porém vai se surpreender com novos finais e novas reconstruções dos contos de fadas; vai vivenciar, também, o místico e o épico que emergem da escrita dos alunos.

De forma intertextual e inovadora, os alunos deste livro se inscrevem na literatura, participando ativamente como autores, pois decidiram não receber e arquivar as produções literárias, mas sim compartilhar suas produções textuais de sala de aula, assim, enriquecendo o processo de leitura e de escrita e ganhando um significado, de fato, social.

ISBN 978-85-94137-31-9



9 788594 137319 >

